

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**CONECTORES CONCLUSIVOS NA FALA E NA ESCRITA**

Michel Müller

Rio de Janeiro, 2025



## **CONECTORES CONCLUSIVOS NA FALA E NA ESCRITA**

Michel Müller

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: **Profa. Maria da Conceição de Paiva**

Rio de Janeiro  
Fevereiro, 2025

## CONECTORES CONCLUSIVOS NA FALA E NA ESCRITA

Michel Müller

Orientadora: Maria da Conceição de Paiva

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Professora Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva - Programa de Pós-graduação em Linguística - UFRJ (orientadora)

---

Professora Doutora Erotilde Goreti Pezatti - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - UNESP

---

Professora Doutora Nilza Barrozo Dias - Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem - UFF

---

Professora Doutora Violeta Virgínia Rodrigues - Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas - UFRJ

---

Professora Doutora Maria Maura Cezario - Programa de Pós-graduação em Linguística - UFRJ

---

Professora Doutora Maria Luiza Braga - Programa de Pós-graduação em Linguística - UFRJ (suplente)

---

Professor Doutor Ivo da Costa do Rosário - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - UFF (suplente)

M958c MULLER, MICHEL  
Conectores conclusivos na fala e na escrita /  
MICHEL MULLER. -- Rio de Janeiro, 2025.  
87 f.

Orientadora: Maria da Conceição Auxiliadora de  
Paiva.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, 2025.

1. Conectores Conclusivos. 2. Sociolinguística  
Variacionista. 3. Variação Linguística. 4. Comparação  
entre fala e escrita. I. da Conceição Auxiliadora de  
Paiva, Maria , orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tantas bençãos ao longo da minha vida.

À professora Conceição, por tanto carinho, por tantas orientações, pela grande paciência e por 4 anos inesquecíveis na minha vida. Serei eternamente grato.

Aos professores que tive na graduação, no mestrado e no doutorado, ao longo de toda minha trajetória nessa Universidade Federal que eu aprendi a amar a cada dia mais.

À minha companheira Marcella, pelo imensurável apoio e pela paciência comigo ao longo do meu caminho no doutorado.

Ao meu irmão e à minha mãe, por acreditarem e me estimularem desde sempre, ao longo da minha caminhada na UFRJ.

À minha cunhada, pela ajuda e pelo apoio.

Aos meus amigos, em especial ao Hermann e ao Raphael, pela torcida, apoio e amizade.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece, como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

*Clarice Lispector*

## RESUMO

### CONECTORES CONCLUSIVOS NA FALA E NA ESCRITA

Michel Müller  
Orientadora: Maria da Conceição de Paiva

O principal objetivo desta tese é investigar o uso dos conectores *ai*, *então*, *por isso* e *portanto*, com foco na relação conclusiva exercida por eles, na fala e na escrita. Procuramos verificar a possibilidade de alternância entre esses quatro conectores, buscando evidências em relação aos fatores que favorecem o uso de cada um deles tanto na modalidade falada como na modalidade escrita de textos jornalísticos. Com base no modelo teórico da Sociolinguística, partimos da hipótese central de que esses conectores possuem usos diferentes em cada uma dessas modalidades da língua. Para verificar essa hipótese, analisamos dados das amostras Censo 2000, para a fala e da Amostra do discurso midiático, para a modalidade escrita. Um primeiro ponto a destacar é a diferença na ocorrência desses conectores conclusivos nas duas modalidades. A análise realizada mostrou que o conector *então* é predominante na modalidade falada. Foram atestados 756 dados na fala e 124 dados na escrita. Por outro lado, na modalidade escrita de jornais destacou-se o maior uso do conector *portanto*. Uma outra diferença entre as duas modalidades diz respeito aos conectores *ai* e *portanto*. Destaca-se o alto índice de ocorrência de *ai* na fala e a ausência quase total do conector *portanto* nessa mesma modalidade da língua. Por outro lado, esse conector ocorreu com alto índice na modalidade escrita. Para verificar as motivações e restrições sobre o uso dos conectores analisamos diferentes grupos de fatores que, por hipótese, atuam sobre o uso e a variação entre as formas conclusivas *portanto*, *por isso*, *ai* e *então*. A análise multivariada forneceu evidências de que a variação dos conectores conclusivos funciona de forma bastante distinta nas modalidades falada e escrita. Dentre as diferenças, destacamos o efeito das sequências discursivas nas quais os conectores conclusivos estudados nesse trabalho ocorrem. Na fala, dois dos conectores estudados são significativamente favorecidos, *ai* e *então*, nas sequências descritivas e argumentativas, respectivamente. Na escrita, ao contrário, em todas as sequências discursivas predomina o conector *portanto*. Alguns dos conectores podem ser equivalentes as construções conclusivas em que aparecem, dependendo dos períodos nos quais estão incluídos.

Palavras-chave: variação linguística, conectores conclusivos; Sociolinguística Variacionista; comparação fala e escrita.

**ABSTRACT**  
**CONCLUSIVE CONNECTORS IN SPEECH AND WRITING**

Michel Müller  
Orientadora: Maria da Conceição de Paiva

The main objective of this thesis is to investigate the usage of the connectors *ai*, *então*, *por isso* and *portanto*, focusing on the conclusive relationship they exert, in speech and writing. We sought to verify the possibility of alternation between these four connectors, seeking evidence regarding the factors that favor the use of each of them in both the spoken and written modalities. Based on the theoretical model of Sociolinguistics, we start from the central hypothesis that these connectors have different uses in each of these modalities of the language. To verify this hypothesis, we analyzed data from the Census 2000 samples, for speech, and from the Media Discourse Sample, for written modalities. A first point to highlight is the difference in the occurrence of these conclusive connectors in the two modalities. The analysis performed showed that the connector *então* is predominant in the spoken modalities. 756 data cases were attested in speech and 124 data cases in writing. On the other hand, in the written modalities of newspapers, the connector *portanto* was more frequently used. Another difference between the two modalities concerns the connectors *ai* and *portanto*. The high incidence of *ai* in speech and the almost total absence of the connector *portanto* in this same language modality are noteworthy. On the other hand, this connector occurred with a high incidence in the written modality. To verify the motivations and restrictions on the use of connectors, we analyzed different groups of factors that, hypothetically, act on the use and variation between the conclusive forms *portanto*, *por isso*, *ai* and *então*. The multivariate analysis provided evidence that the variation of conclusive connectors works quite differently in the spoken and written modalities. Among the differences, we highlight the effect of the discursive sequences in which the conclusive connectors studied in this work occur. In speech, two of the connectors studied are significantly favored, *ai* and *então*, in descriptive and argumentative sequences, respectively. In writing, on the contrary, in all discursive sequences the connector *portanto* prevails. Some of the connectors have equivalence in the conclusive constructions in which they appear, depending on the periods in which they are included.

Keywords: linguistic variation, conclusive connectors; Variationist Sociolinguistics; comparison of speech and writing.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ESQUEMAS, FIGURAS, QUADROS E TABELAS.....</b>	<b>10</b>
<b>1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1- A Sociolinguística Variacionista.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 - Coesão e linguística textual.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 - Conexão de orações e conectores.....</b>	<b>21</b>
<b>3 - A RELAÇÃO CONCLUSIVA E CONECTORES CONCLUSIVOS .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 - A relação conclusiva.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 - Conectores conclusivos.....</b>	<b>32</b>
<b>4 - AMOSTRA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>42</b>
<b>4.1 - Amostras .....</b>	<b>42</b>
<b>4.2 - Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>45</b>
<b>5 - COMPARANDO FALA E ESCRITA.....</b>	<b>49</b>
<b>5.1 - Variáveis linguísticas .....</b>	<b>50</b>
<b>5.2 - Variáveis sociais .....</b>	<b>70</b>
<b>6 - CONCLUSÕES.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>83</b>

## **LISTA DE ESQUEMAS, FIGURAS, QUADROS E TABELAS**

Esquema 1 - Relações entre cláusulas – p.23

Figura 1 - Diagrama com relação de conclusão na microestrutura – p.35

Figura 2 - Diagrama com relação de conclusão na macroestrutura – p.35

Figura 3 - Continuum de gramaticalização dos conectores conclusivos – p.37

Figura 4 - Comparação das ocorrências de evidência-conclusão e causa-consequência causa na fala e na escrita – p.56

Quadro 1 - Composição da Amostra Censo 00 – p.42

Quadro 2 - Quadro resumitivo dos contextos de cada conector na fala – p.75

Quadro 3 - Quadro resumitivo dos contextos de cada conector na escrita – p.75

Tabela 1 - Frequência dos conectores em ambas as modalidades – p.52

Tabela 2 - Distribuição dos conectores conclusivos por sequência discursiva na modalidade falada – p.59

Tabela 3 - Distribuição dos conectores conclusivos por sequência discursiva na modalidade escrita – p.60

Tabela 4 - Distribuição dos conectores conclusivos de acordo com o tipo de segmento discursivo na modalidade falada – p.62

Tabela 5 - Distribuição dos conectores conclusivos de acordo com o tipo de segmento discursivo na modalidade escrita – p.63

Tabela 6 - Distribuição dos conectores por tipo de verbo na modalidade falada – p.65

Tabela 7 - Distribuição dos conectores por tipo de verbo na modalidade escrita – p.66

Tabela 8 - Ausência ou presença de modalização no segmento introduzido pelo conector em ambas as modalidades – p.67

Tabela 9 - Ausência ou presença de dupla marcação na modalidade falada – p.68

Tabela 10 - Ausência ou presença de dupla marcação na modalidade escrita – p.69

Tabela 11 - Distribuição dos conectores na modalidade escrita por tipo de texto – p.69

Tabela 12 - Efeito da variável gênero sobre o uso dos conectores – p. 71

Tabela 13 - Efeito da variável idade sobre o uso dos conectores – p.72

Tabela 14 - Efeito da variável escolaridade sobre o uso dos conectores – p.74

## 1 - INTRODUÇÃO

A relação de conclusão é uma das mais frequentes tanto no discurso oral como no discurso escrito e pode ser realizada por diversas formas, com o uso de variados conectores. Esta tese consiste em um estudo dos conectores conclusivos *ai*, *então*, *por isso* e *portanto*, utilizados para conexão de diferentes tipos de segmentos discursivos, focando na possível variação entre eles em seus diversos contextos de ocorrência.

O objetivo central desta tese é verificar quais conectores conclusivos (*portanto*, *por isso*, *ai* e *então*) predominam nas modalidades oral e escrita do português brasileiro e em que medida eles podem constituir variantes com a mesma função. Em outros termos, discutimos a possibilidade de variação entre essas formas, tomando como ponto de partida a hipótese de que podem ser variantes em alguns contextos, sendo, então, variantes, no sentido preconizado pela Sociolinguística Variacionista (Labov 1972), tanto na fala como na escrita. Acreditamos, portanto, que os diferentes conectores conclusivos podem constituir variantes, ou seja, alternativas para a expressão da relação conclusiva. Para verificar essa hipótese, realizamos uma análise comparativa dos usos desses conectores nas modalidades falada e escrita do português brasileiro, considerando o efeito de variáveis linguísticas e de variáveis sociais. Objetivamos responder a questões como:

- I. Que fatores linguísticos motivam o uso de uma variante ou outra?
- II. Existe contexto específico para cada uma dessas formas?
- III. O uso dessas formas muda entre as modalidades da língua?

Embora os elementos de conexão focalizados neste estudo já tenham sido objeto de estudo de outros autores, como o de Antunes (2014), que concentra sua análise exclusivamente na modalidade falada, este trabalho se distingue por comparar as modalidades falada e escrita em uma outra sincronia (Amostra Censo 2000). Além disso, o autor não distingue entre a relação semântica de conclusão ou consequência, um aspecto central ao longo deste trabalho. Alguns desses conectores também foram objeto de estudo em Floret (2022), que abordou a trajetória das relações conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* e a possibilidade de alternância entre essas formas, a partir da análise de textos dos diferentes períodos do português.

Considerando, no entanto, as particularidades de cada uma das modalidades em análise, outra hipótese central desse trabalho é a de que as formas connectoras conclusivas vão se distribuir de forma diferenciada na fala e na escrita, com a possibilidade de existirem conectores conclusivos que predominam numa ou noutra modalidade de língua

(fala ou escrita). Além disso, a comparação de dados da fala e da escrita nos permitirá verificar se, apesar de essas duas modalidades constituírem usos diversos da língua, podem existir similaridades e motivações comuns a ambas no que se refere ao uso e variação dos conectores conclusivos. Um objetivo central deste trabalho é identificar os fatores que motivam a ocorrência de cada um desses juntores que estabelecem a relação de conclusão. Assim, analisamos o possível efeito dos mesmos grupos de fatores nas duas modalidades. Por hipótese, verificamos aspectos como a relação semântica instaurada pelo conector, o tipo de segmento ligado pelo conector, a sequência discursiva em que ele ocorre, ausência ou presença de modalização no segmento introduzido pelo conector, assim como o tipo semântico de verbo utilizado e a ocorrência ou não de dupla marcação no complexo oracional em que ocorre o conector. Exclusivamente nos dados de fala, são analisados os grupos de fatores gênero, idade e nível de escolaridade. Exclusivo na escrita, adotamos o grupo de fatores tipo de texto.

Para a realização deste estudo utilizamos a amostra de fala Censo 2000, um conjunto de 32 entrevistas sociolinguísticas representativas da variedade carioca, organizada pelos membros do projeto PEUL (Programa de Estudos do Uso da Língua), entre 1999 e 2000. Essa amostra pode ser considerada semi-informal, uma vez que os entrevistados não se conhecem, sabem que estão sendo gravados, mas não possuem conhecimento sobre o intuito dessa coleta de dados. Para a análise da língua escrita, utilizamos a Amostra de dados denominada Amostra do Discurso Jornalístico, um conjunto de textos representativos de diferentes gêneros jornalísticos, organizada igualmente pelos pesquisadores do Grupo PEUL<sup>1</sup> entre os anos de 2002 e 2004. Evidentemente, a distância temporal entre as amostras de fala e de escrita impõem uma certa cautela nas conclusões.

Dada a delimitação do objeto de estudo desta tese e, principalmente, nossa hipótese central, tomamos como base alguns pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, como, por exemplo, o de que qualquer variação linguística é ordenada e influenciada por diferentes fatores, tanto linguísticos como extralingüísticos. Considerando, no entanto, a natureza discursiva do fenômeno focalizado, principalmente o papel dos conectores focalizados na coesão de segmentos discursivos, é necessária cautela na utilização do termo variação.

---

<sup>1</sup> O grupo PEUL reúne pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e mudança linguística na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro, adotando uma orientação essencialmente baseada na Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística Variacionista constitui um modelo teórico que tem como foco o uso variável da língua, a importância do contexto social na heterogeneidade dos sistemas linguísticos e a relação entre variação e mudança linguística. Para Labov (1972) considerado pai dessa área da Linguística, a variação é entendida como modos alternativos de dizer a mesma coisa, as variantes são *sistemáticas*, ou seja, reguladas por padrões que podem envolver aspectos semânticos e formais, discursivos e sociais.

Os conectores objeto de estudo desta tese desempenham papel relevante na coesão textual, contribuindo para a articulação entre os elementos de um texto. De acordo com essa perspectiva, partimos do princípio de que os elementos em foco estabelecem uma relação semântica entre as partes dos enunciados durante o sequenciamento de ideias. Os conectores operam, portanto, como uma forma de criar conexões entre orações de um período, ou segmentos discursivos maiores, o que se aplica aos conectores conclusivos estudados nesta tese.

Além desta introdução, esta tese apresenta 4 capítulos, organizados da seguinte forma; no capítulo 2, retomamos de forma mais detalhada os pressupostos teóricos que tomamos como ponto de partida para respaldar a hipótese central deste estudo e o desenvolvimento da análise. Iniciamos com a Sociolinguística Variacionista, apresentando alguns de seus princípios e pressupostos centrais no que tange à variação linguística.

Ainda neste capítulo, focalizamos aspectos ligados à organização textual e à importância do contexto discursivo e destacamos a importância dos conectores como elementos de coesão discursiva, na medida em que constituem elementos de articulação entre segmentos textuais.

No capítulo 3, focalizamos a relação conclusiva e a natureza dos conectores conclusivos. Discutimos a visão da gramática tradicional e da literatura linguística em relação às propriedades semânticas e formais dessa relação discursiva. Retomamos aspectos já discutidos em trabalhos anteriores sobre o assunto como o de Sweetser (1990) e Novaes-Marques e Pezatti (2015), destacando os pontos mais importantes.

No capítulo 4, especificamos as amostras de fala, qual seja a Amostra Censo 2000, e de escrita, representada pela Amostra do Discurso Jornalístico a partir das quais é desenvolvida a análise. Além disso, detalhamos a metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho. Relacionamos os grupos de fatores linguísticos e sociais considerados na análise, assim como a hipótese associada a cada um deles e os procedimentos estatísticos a partir dos quais são verificadas nossas hipóteses.

No capítulo 5, apresentamos os resultados de uma análise quantitativa dos dados levantados, fazendo uma comparação entre os dados obtidos na fala e na escrita. Comparamos o efeito das diferentes variáveis postuladas como motivadores do uso dos conectores conclusivos na fala e na escrita. Alguns aspectos são destacados ao longo desse capítulo, como as indicações de uma tendência ao desaparecimento do conector *portanto* na modalidade falada. A partir dos resultados de uma análise multivariacional, discutimos não só a distribuição dos conectores em foco nas duas modalidades como também a possibilidade de variação entre eles ou a especificação de cada um deles em contextos específicos, indicando especialização. Através de uma análise multivariacional de diferentes variáveis linguísticas e extralingüísticas, buscamos identificar quais deles são mais relevantes para a ocorrência de um outro conector conclusivo.

No capítulo 6 apresentamos conclusões finais com base na comparação realizada ao longo do capítulo anterior e sugerimos outros aspectos/questões que podem ser objeto de análise futura.

## **2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Este capítulo apresenta a base teórica adotada nesta tese para a análise dos dados obtidos ao longo da pesquisa. Como já explicado anteriormente, neste trabalho conjugamos conceitos e princípios da Sociolinguística Variacionista e da Linguística textual. Na seção 2.1 retomamos alguns dos principais conceitos do modelo teórico da Sociolinguística Variacionista. Em 2.2, focalizamos a relação de coesão e alguns conceitos da Linguística textual. Por fim, na seção 2.3, abordamos a conexão de orações e conectores.

### **2.1- A Sociolinguística Variacionista**

O presente estudo conjuga princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista. A seguir, retomamos alguns pressupostos básicos desse modelo teórico. A seguir, focalizaremos aspectos ligados à linguística textual, principalmente os relacionados à articulação de orações e o conceito de coesão textual.

A Sociolinguística Variacionista, ou Sociolinguística Quantitativa, constitui um modelo teórico que tem como foco o uso variável da língua e a importância do contexto social na heterogeneidade dos sistemas linguísticos. Firmou-se na década de 60, a partir da proposta do texto seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e dos estudos de William Labov (1972) sobre variações do inglês de Nova York.

O reconhecimento da interrelação entre língua e sociedade remonta a Antoine Meillet (1921 apud Labov, 2010) que, na década de 20, já propunha que o sistema linguístico é o resultado de uma conjugação de fatores internos e externos. Labov (1972) reagiu ao desprezo estruturalista em relação ao caráter social da língua, uma vez que um linguista estruturalista concebe a língua como um sistema abstrato e independente. Para pesquisar a organização do sistema linguístico. Na mesma direção, Labov concebe a língua como um instrumento social, que só pode ser entendido a partir da análise do uso real dos falantes no interior da comunidade linguística. Labov contrapõe-se à posição dos estruturalistas a respeito do lugar que o social deve ocupar nos estudos linguísticos, questionando a ausência do componente social na análise linguística estruturalista.

Para Labov (1972), as línguas naturais são inherentemente variáveis e as variações fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semânticas observadas no uso da língua são sistemáticas e previsíveis. Assim, em diversos níveis do sistema linguístico, podem concorrer duas ou mais possibilidades de expressar o mesmo significado ou a

mesma função. O conjunto das variantes linguísticas constitui o que o autor denomina variável linguística, que é o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista. Como o uso das variantes linguísticas no interior de uma comunidade de fala não é aleatório, a heterogeneidade linguística é ordenada. Cabe ao linguista identificar que fatores linguísticos e extralingüísticos, sejam eles, sociais, culturais, estilísticos ou cognitivos motivam o uso de uma ou outra variante linguística. Como já explicado na introdução, neste trabalho, partimos da hipótese de que os diferentes conectores focalizados podem constituir variantes para a expressão da relação conclusiva.

Labov (Op. cit.) defende que a variação linguística é sistemática, ou seja, não ocorre de forma aleatória, mas é regular em consequência da ação de diversos e diferentes fatores. Para o autor, duas formas que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem variantes de uma mesma variável e o uso de uma ou outra forma é motivado por aspectos internos e externos. Ainda segundo o autor, o objetivo da análise linguística é identificar os padrões linguísticos variáveis, considerando não apenas os fatores linguísticos que motivam o uso de uma ou outra variante linguística como também a forma como o uso das variantes linguísticas reflete a estrutura social em que os falantes estão inseridos. Labov contrapõe-se à posição dos estruturalistas a respeito do lugar que o social deve ocupar nos estudos linguísticos, questionando a ausência do componente social na análise linguística estruturalista.

A partir da identificação das variantes de uma variável linguística e do pressuposto de que o uso de cada uma delas é motivado, um sociolinguista pode colocar questões, tais como:

- a) Que fatores linguísticos motivam o uso de uma ou outra variante?
- b) Existe um contexto específico para cada uma das formas?
- c) A variação identificada é uma variação estável ou uma mudança linguística?
- d) Em que contexto social um falante se utiliza de cada uma das variantes?
- e) Há diferença nos usos dessas formas ao se compararem falantes de diferentes faixas etárias?
- f) Há diferenças ao se compararem pessoas com diferentes graus de escolarização e diferentes níveis socioeconômicos?

O contexto extralingüístico é um dos principais responsáveis pelas variações observadas na língua. Os falantes de uma comunidade linguística costumam usar formas

distintas ao falar com familiares, amigos, colegas de profissão e desconhecidos. Portanto, o contexto determina, em grande parte, a escolha de uma variante linguística pelo falante.

Um outro pressuposto central da Sociolinguística Variacionista é o da interrelação entre variação e mudança. Para que as línguas mudem, elas precisam passar por estágios de variação linguística, os falantes têm a possibilidade de transmitir a mesma informação de formas diferentes. Diversos estudiosos da linguagem abordam essa temática, buscando explicar a forma como as línguas variam e mudam, conforme preconiza Labov (1972).

Uma variação detectada numa comunidade de fala pode constituir uma mudança em curso na língua, ou seja, a propagação de uma variante inovadora e o desaparecimento de uma variante mais antiga. Como destacamos acima, um ponto central é o de que não existe mudança sem variação, já que a mudança não ocorre de forma abrupta. Ao contrário, é gradual, como previsto pelo princípio de uniformitarismo. De acordo com a proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968, p.44):

A formulação mais geral e influente do princípio uniformitarista, a de Lyell (1833), estava fortemente comprometida com o gradualismo: o conceito de que o estado atual da Terra, ao longo de longos períodos, é o resultado dos pequenos e contínuos efeitos de erosão, sedimentação, metamorfose e orogenia que podem ser observados em todos os lugares ao nosso redor.<sup>2</sup>

A Sociolinguística Variacionista rompe, assim, com a dicotomia *sincronia/diacronia* proposta por Saussure 1995 [1916]. Essa perspectiva teórica tem como objeto de estudo a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Para que os sistemas mudem, é necessário que eles tenham sofrido algum tipo de variação. De acordo com Faraco (2005), a mudança não se refere à troca direta e abrupta de um elemento por outro, mas envolve necessariamente uma fase mais ou menos longa de concorrência de formas.

Labov (1972) preconiza que essa nova concepção do objeto da Linguística requer estudos empiricamente sustentados das comunidades de fala. A Sociolinguística laboviana estuda o uso da língua com o objetivo de verificar o que ele revela sobre a estrutura linguística. Para o autor, é necessário buscar a sistematicidade inerente a uma variação no uso que os falantes fazem da língua.

---

<sup>2</sup> The most general and influential formulation of the uniformitarian principle, that of Lyell (1833), was strongly committed to gradualism: the concept that the current state of the earth, over long periods of time, is the result of the small and continuous effects of erosion, sedimentation, meta-morphosis, and orogeny that can be observed everywhere around us. (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p.44)

Tudo indica que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem falam, o que acarreta diferentes níveis de monitoramento da linguagem. Com o objetivo de estudar o vernáculo, ou seja, o uso menos formal da língua, Labov propõe que se leve o falante a discorrer, por exemplo, sobre situações de perigo que vivenciou, de forma a obter um estilo menos policiado ou autoconsciente, já que a sua atenção estará voltada mais para o assunto em si do que para a própria linguagem. Essa estratégia é utilizada nas entrevistas da Amostra Censo 2000, que utilizamos nessa pesquisa.

## 2.2 - Coesão e linguística textual

O uso da língua se concretiza no discurso. Sob o ponto de vista linguístico, o discurso se manifesta por meio de textos. O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independentemente de sua extensão. Há um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade. Halliday e Hasan (1976), por exemplo, afirmam que o que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto são as relações coesivas entre as sentenças. Em outros termos, o texto é formado pela relação semântica de coesão. Um aspecto focalizado na próxima seção.

A coesão é um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto. A interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. Ela é obtida parcialmente pela gramática e parcialmente pelo léxico, além de depender de fatores pragmáticos como as intenções do falante e o conhecimento de mundo dele.

Faz-se importante entendermos as formas de coesão textual, que constituem um fator importante da construção do texto, envolvendo a conexão de palavras, expressões ou frases dentro de uma sequência. O texto coeso se constrói com elementos de ligação que podem ser pronomes, verbos, advérbios, conectores e sequenciadores.

A coesão é manifestada no nível micro textual, ligada aos modos como as palavras que ouvimos ou vemos estão ligados entre si dentro de uma sequência. Distingue-se da coerência que diz respeito aos modos como os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície se unem de maneira reciprocamente acessível e relevante, manifestada em grande parte macro textualmente. Desse modo, a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários.

Koch e Travaglia (1989, p. 13) preconizam que a coesão é explicitamente realizada por elementos linguísticos, presentes na estrutura superficial do texto, sendo de caráter claro e direto, expressando-se na organização sucessiva do texto. Halliday e Hasan (1976) Koch & Travaglia (1989, p. 13) afirmam que a coerência é a relação semântica entre os elementos do texto que são decisivos para sua interpretação, sendo a coesão a relação entre os componentes superficiais do texto e a maneira pela qual eles se interligam e se combinam.

Halliday e Hasan (1976) preconizam que a noção de coesão precisa ser “complementada” pela noção de registro, entendido como uma série de configurações semânticas que estão associadas a classes específicas de contextos de situação e que definem o que o texto significa no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes de seu significado social, expressivo, comunicativo e representacional, dentre outros.

Há dois tipos principais de coesão: a retomada de termos, expressões ou frases já ditos e/ou sua antecipação e o encadeamento de segmentos textuais, sendo o segundo objeto do presente estudo. A coesão sequencial é feita por encadeamento de segmentos textuais e tem por função mostrar que a informação se desenvolve. Os elementos de coesão sequencial (palavras ou expressões) criam as relações entre os segmentos do texto, marcando diversas relações semânticas, como conclusões, graduações, comparações, argumentos decisivos, generalizações, exemplificações, correções, explicitações, dentre outros. A coesão sequencial também pode ser feita sem o uso de sequenciadores, quando o leitor, com base na sequência, reconstrói conectores que não estão presentes no texto. No entanto, o papel coesivo dos conectores mostra-se importante na interpretação do texto e do discurso, como podemos ver nas palavras de (HALLIDAY, MATHIESSEN, 2004 p, 538):

A oração complexa é o domínio mais extenso da organização relacional. O sistema coesivo da conjunção evoluiu como uma fonte complementar para criar e interpretar um texto. Isso fornece os recursos para criar relações lógico-semânticas obtidas entre textos de diferentes extensões.<sup>3</sup>

O termo “texto” pode ser tomado em duas acepções: “texto em sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma

---

<sup>3</sup> The clause complex is the most extensive domain of relational organization. The cohesive system of CONJUNCTION has evolved as a complementary resource e for creating and interpreting text. It provides the resources for marking logico-semantic relationships that obtain between text spans of varying extent.

música, um filme, uma escultura, um poema etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação” (Fávero e Koch, 1983, p. 25).

O texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Ele é resultado de uma coprodução entre interlocutores. O que distingue o texto escrito do falado é a forma como essa coprodução se realiza. No texto escrito a coprodução se resume à consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto. O texto falado surge no próprio momento de interação. Pelo fato de os interlocutores estarem copresentes, ocorre uma interlocução ativa que implica um processo de coautoria.

Com base em Fávero (2007), texto não é apenas uma sequência de palavras ou frases e sim uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas. Trata-se de uma unidade que vai além da palavra e da frase, e caracteriza-se basicamente por formar uma unidade de sentido. Em outros termos, o texto é uma unidade de comunicação que ocorre num uso específico e efetivo da linguagem. Em qualquer tipo de texto há pelo menos um e normalmente mais de um participante em um determinado contexto.

Para Fávero (Op. cit), em sentido amplo, o texto designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme etc.). Em se tratando de linguagem verbal, constitui uma atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação.

Há, portanto, uma interrelação necessária entre texto e contexto. No entanto, Koch (2002) salienta que o modo como o contexto é definido varia consideravelmente, não só no tempo, mas também de um autor a outro. Para a autora, é o contexto, o conjunto de circunstâncias em que a mensagem que se deseja emitir é produzida, como lugar e tempo, cultura do emissor e do receptor, dentre outros, que permite sua correta compreensão.

Textualidade envolve aspectos semânticos e pragmáticos que vão garantir coesão e coerência, necessárias para a organização estrutural do texto. Além disso, envolve fatores extratextuais, ou seja, as condições de produção de um texto, como a intencionalidade, entendida como a capacidade que o autor tem de satisfazer uma determinada audiência, acionando conhecimentos prévios. Dessa forma, intencionalidade

diz respeito ao protagonista do ato comunicativo (aquele que fala ou escreve). A ausência desses aspectos pode acarretar uma produção escrita que não forma um texto coeso.

### **2.3 - Conexão de orações e conectores**

O texto é formado pela relação semântica de coesão. Para Halliday e Hasan (Op. cit) a textura de um texto acontece por meio de elementos linguísticos e pela relação de coesão que existe entre eles. Os conectores seriam alguns desses elementos coesivos que permitem juntar orações ou segmentos textuais maiores, desempenhando importante papel coesivo na formação dos textos. Para Halliday e Hasan (1976), o que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto são as relações com e entre as sentenças, que criam uma textura, que distingue o texto do não texto.

A grande maioria das gramáticas do português classificam os conectores a partir do tipo de combinação de orações que estabelecem e distinguem entre dois processos de combinação de orações (coordenação e subordinação) como se pode atestar em Lima (1992), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2005). Podemos notar que essa distinção se baseia em critérios sintáticos, na coordenação, as orações são independentes, completas sintaticamente, podendo vir explicitamente ligadas por conjunções ou justapostas. Na subordinação, uma oração depende sintaticamente da outra.

No entanto, essas definições não recobrem inteiramente as diferentes formas de conexão de orações que podemos atestar no uso linguístico. O conceito de independência entre orações coordenadas é discutível. Em algumas sequências, fica difícil concluir que as orações são independentes, em razão da dependência semântica entre elas. A fronteira entre coordenação e subordinação nem sempre fica bastante clara, como é o caso das orações coordenadas explicativas e subordinadas causais. Kuno, em obra de 1973 (apud Haiman & Thompson, 1984), preconiza que a dicotomia entre coordenação e subordinação deve ser substituída por um *continuum*. Haiman & Thompson (1984) propõem que esses dois tipos de relação sintática configuram um fenômeno multidimensional. A questão que precisamos analisar é como fazer uma descrição desses dois processos, de modo a definir o que distingue uma junção de coordenação da subordinação.

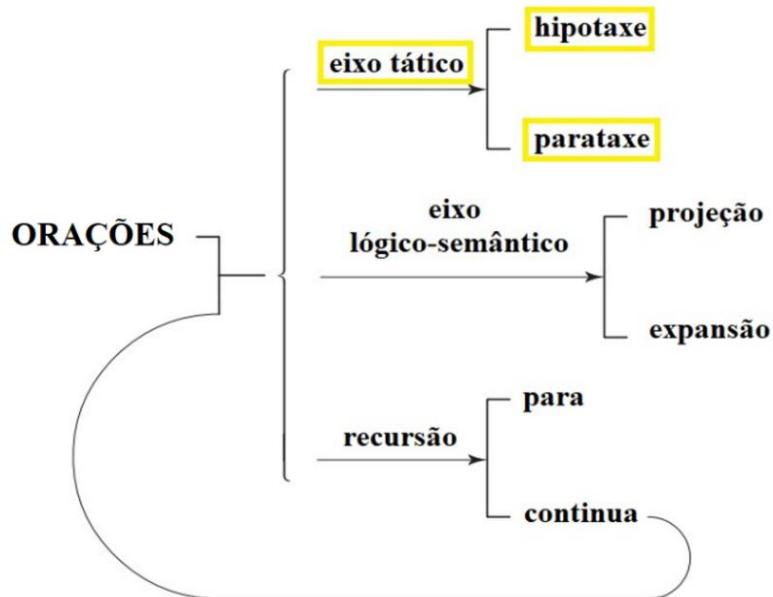
Koch (1995) preconiza que o estabelecimento das relações de coordenação e subordinação deve ser visto como resultado de atividades de construção textual, realizadas pelos interlocutores por ocasião do processamento do texto, seja escrito ou falado. Para Koch, sob o ponto de vista semântico ou funcional, a noção de coordenação

é questionável. A autora menciona Garcia (1967), que preconiza a existência de uma “falsa coordenação”, caracterizada por uma coordenação gramatical e uma subordinação semântica entre as orações ligadas, uma vez que, do ponto de vista informacional essas orações são dependentes. A coordenação semântica difere da sintática pelo fato de ter como base atos de enunciação realizados por ocasião da produção de enunciados, sendo possível sua ocorrência mesmo na ausência de qualquer marca gramatical aparente, como as conjunções, mesmo em casos em que as orações possam estar ligadas por conjunções ditas subordinadas.

Halliday & Hasan (1976) postulam que o conector estabelece algum tipo de sentido entre duas passagens contínuas do texto, de forma que a interpretação do segundo segmento depende da relação com o primeiro. Os autores defendem que os conectores não são elementos coesivos por si mesmos, mas sim em virtude das relações significativas específicas que estabelecem entre as orações do período, entre os períodos no interior de um parágrafo e entre os parágrafos, ao longo do texto. Na visão desses autores, todas as relações conjuntivas podem ocorrer em dois planos: o externo (referencial) e o interno (textual).

Ao tratar da conexão de orações, Halliday (2004) investiga como o fluxo de eventos pode ser construído ao longo de um texto afirmando que a integração de significados se torna mais forte em diversos tipos de texto. O autor distingue dois sistemas básicos: o tático e o lógico-semântico. O eixo tático diz respeito ao grau de interdependência das orações. O eixo lógico-semântico focaliza a relação semântica entre as orações do complexo. Esse modelo pode ser visto na imagem abaixo.

Esquema 1 - Relações entre orações



Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de Halliday (2004, p. 373)

A partir do esquema acima, é possível associar o eixo tático a um polo mais formal e o eixo lógico-semântico a um polo mais semântico-funcional. No eixo tático, há dois subsistemas: a parataxe e a hipotaxe, como exemplificado respectivamente em (1) e (2), traduzidos do autor (Halliday, 2004, p.366):

- (1) Kukul se abaixou no chão | e se moveu devagar.
- (2) Quando ele chegou a um matagal, ele ouviu um leve farfalhar de folhas.

Na hipotaxe, se ligam um segmento dependente a um segmento dominante. Na parataxe, os elementos têm o mesmo estatuto: um inicia e o outro continua o complexo oracional, como mostram os exemplos (1) e (2) acima, retomados de Halliday (2004, p. 366). No exemplo (1), existem duas orações interdependentes que podem ter status equivalente – cada uma delas (Kukul se abaixou; se moveu devagar) é uma proposição por si só. No exemplo (2), apenas uma das orações constitui uma proposição (ele ouviu um farfalhar de folhas).

Alguns aspectos merecem destaque sobre o papel dos conectores. As variadas possibilidades de cruzamento entre os dois eixos propostos por Halliday (Op. cit.) mostram a dinamicidade da língua, evidenciando que a necessidade comunicativa faz o usuário escolher construções que sejam mais adequadas aos seus objetivos.

O papel coesivo dos conectores pode variar de acordo com a modalidade. Fala e escrita são duas modalidades de língua que instauram contextos discursivos bem distintos. Embora utilizem o mesmo sistema linguístico, cada uma delas apresenta características próprias. Isso não significa que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica. Marcas de oralidade podem ocorrer na escrita. Koch (2009, p.18) destaca que a criança imprime marcas de oralidade ao seu texto escrito, não apenas na fase de aquisição da escrita, mas também por um tempo relativamente longo, já que continua usando as mesmas estratégias de construção e os mesmos recursos de linguagem que utiliza na interação face a face, como os elementos coesivos que são objeto de estudo deste trabalho. Desse modo, faz-se necessário falarmos sobre como ocorre a interação entre itens lexicais e demais partes do texto, ou seja, o processo de coesão textual.

Um mesmo conector pode apresentar diversos valores semânticos, desempenhando diferentes funções no texto, seja na oralidade ou na escrita. Para exemplificar, Antunes (2014) apresenta uma análise do conector *ai*, um dos conectores focalizados nesta tese. Esse conector pode apresentar o sentido temporal, conector sequenciador temporal, mas também pode estabelecer outras funções conectivas, como relações de consequência, resultado ou conclusão, sendo essa última objeto de estudo deste trabalho. Os exemplos (3) e (4), abaixo, ilustram os usos do conector *ai*, consequência e conclusão, respectivamente:

(3) Entrevistador: Como foi que você entrou pra essa banda?

Entrevistado: A banda é da escola. Os outros comentam muito sobre ela, aí um dia eu tive curiosidade pra conhecer e ***ai acabei entrando.***

(4) Entrevistador: Você acha que ela é boa... se tem alguns problemas, quais são os problemas?

Entrevistado: Ah! Depende do bairro!

Entrevistador: Desse bairro. [Daqui?] Esse é Camorim?

Entrevistado: É. Aqui, às vezes, assim, às vezes tem tiro essas coisas. Por que mora muito policial né? Dentro do condomínio... do lugar, assim, ***ai tem confusão.***

No exemplo (3), a curiosidade do entrevistado para conhecer a banda da escola é a causa que gerou uma consequência, o falante entrar para a banda da escola. Desse modo, o conector *ai* estabelece uma relação de consequência.

Já no exemplo (4) exibe o conector *aí* estabelecendo relação de conclusão, já que o conector não está ligando dois eventos que se sucedem cronologicamente. O fato de ter confusão não é uma consequência em relação ao fato de morarem muitos policiais no local, portanto seu valor de conclusão fica evidente.

No capítulo 3, retomaremos mais detalhadamente, o tipo de relação conclusiva que pode ser realizada pelos conectores *aí*, *então*, *por isso* e *portanto*.

### **3 - A RELAÇÃO CONCLUSIVA E CONECTORES CONCLUSIVOS**

Este capítulo aborda a relação conclusiva e a forma como alguns dos elementos de conexão que a realizam são classificados gramaticalmente e empregados na construção da coesão textual. Como será discutido, os conectores conclusivos objeto de estudo desta tese (*aí, então, por isso e portanto*) são tratados gramaticalmente de diferentes formas e podem expressar diversos valores semânticos. Antes de passarmos a esses pontos, retomamos alguns aspectos relacionados à própria relação conclusiva.

#### **3.1 - A relação conclusiva**

Grande parte das gramáticas tradicionais têm como foco apenas a descrição de características sintáticas das formas linguísticas que estabelecem relação de conclusão entre segmentos textuais, como é o caso de Bechara (2009). Entretanto, como preconizam Novaes-Marques et Pezatti. (2015), para uma análise dessas formas, se faz necessária uma definição do que é a relação conclusiva. Segundo as autoras, a relação conclusiva é mais frequentemente entendida como o elo de ligação entre fatos ou constatações e conclusões deles decorrentes ou por eles autorizadas. A relação de conclusão se estabelece a partir da consideração de argumentos ou premissas explicitadas no discurso precedente, com base em um raciocínio inferencial, que envolve uma premissa não explícita, como Sapata (2005) exemplifica. No exemplo (5), pode-se ver uma premissa implícita.

(5) Entrevistador: Agora me diz: é... Você acredita assim em espírito?

Entrevistado: Ah eu acredito. Eu não tenho, eu não tenho desconfiança de nada. Não tenho desconfiança de nada. Eu acredito em tudo. Tudo que a pessoa me falar eu acredito, por exemplo assim: cada um tem a sua religião, certo? **Então eu não posso eu não posso zombar de ninguém.** Eu sempre tenho que ter respeito (“com as”) com as pessoas que... que tem cada um tem a sua religião. Então... eu sou assim. Cada um tem a sua, cada um toca teu barco; então... (Amostra Censo 2000, falante 5)

No exemplo (5) há a premissa implícita de que zombar da religião de outra pessoa poderia criar a possibilidade de zombarem da sua.

Alguns autores consideram que o termo “relação conclusiva” é, de certa forma, equivalente ao termo “consequência”. Para Kury (2006, p.70) “a segunda oração

coordenada exprime conclusão ou consequência lógica da primeira.”. Tal concepção é reiterada, por exemplo, por Azeredo et al. (2009, apud Novaes-Marques e Pezatti, op. cit.) 2015, p.29) e Sardinha e Oliveira (2010, apud Novaes-Marques; Pezatti, 2015, p.30) que afirmam que conjunções conclusivas exprimem uma conclusão lógica do conteúdo da oração antecedente. Como preconizam Figueiredo e Figueiredo (2009, apud Novaes-Marques; Pezatti, 2015, p.30), a relação conclusiva se estabelece por meio de consequência ou dedução a partir do conteúdo da primeira oração que é tomado como uma premissa.

De forma diferente, para Ducrot (2009) a visão de que a conclusão é uma informação logicamente dedutível da oração antecedente pode ser discutida, uma vez que “não há raciocínio, progresso cognitivo, transmissão de verdade”, da primeira oração para a oração conclusiva. O fato de uma premissa implicar em uma conclusão, na forma (*SE A, então B*), não tem a finalidade de justificar uma afirmativa a partir de uma outra, o que torna possível o encadeamento das orações por conectores diferentes, como nos exemplos (6) e (7).

- (6) Ele estudou um pouco, *portanto* vai ser aprovado. (Ducrot, 2009, p. 22)
- (7) Ele estudou um pouco, *no entanto* vai ser aprovado. (Ducrot, 2009, apud Marques; Pezatti, 2015, p.31)

O fato de que a proposição “Ele estudou um pouco” pode ser encadeada tanto a uma oração introduzida por *portanto*, como por *no entanto* indica que não estamos diante de uma relação lógica. Na perspectiva do autor, a conclusão pode ser entendida, portanto, como uma estratégia argumentativa que visa persuadir o interlocutor, como no exemplo a seguir, retirado dos artigos de opinião, da Amostra do Discurso Jornalístico (PEUL, 2002-2004), que mostra que estamos diante de dois atos de fala distintos e independentes:

- (8) Para muitos está complicada a carreira que encerra a reunião, porém, acredito haver muita possibilidade no triunfo de Décima Arte, uma descendente de Fast Gold e Deltona Jet, que defende as cores do Stud La Nave Vá. Recebendo os cuidados do excelente treinador Roberto Morgado Junior dispensa qualificações, a castanha nascida e criada no Haras San Francesco, pode mesmo ser uma pule salvadora para a rapaziada que já está a perigo nesta prova final da semana. ***Portanto, quem acreditar, embarque nesta canoa,*** pois, as informações recebidas são que o jóquei Gilvan Guimarães será responsável por sua direção, ***está confiante na vitória.***

De certa forma, a intenção da segunda proposição é evitar uma fácil refutação de uma proposta/sugestão com um simples “não”. Há, portanto, uma tentativa de convencer o interlocutor a praticar uma ação, no caso, embarcar na canoa.

A relação de conclusão se aproxima em muitos aspectos da relação de consequência ainda que seja, normalmente, instanciada por conectores específicos. Se entendermos causalidade como um domínio mais amplo, tanto no caso da conclusão como no da consequência há uma relação de implicação entre A e B (SE A, então B). Na relação de conclusão A é a causa, apresentando uma condição necessária para a ocorrência da consequência (B). Essa relação de implicação é construída a partir de uma premissa que serve de base semântico-pragmática para a conclusão ou consequência que se segue, como ilustra o exemplo (9), coletado na Amostra Censo 2000.

(9) O local que eu moro aqui, de vez em quando tem festa, **aí a gente marca**, vem todo mundo para cá. (Falante 2).

No exemplo (9), as duas orações são ligadas pelo conector *aí*. A oração introduzida por esse conector explicita o resultado/efeito do estado de coisas codificado na primeira oração. A mesma sentença poderia ser codificada com um conector causal, como *porque*: *Porque o lugar que eu moro aqui, de vez em quando tem festa, a gente marca, vem todo mundo para cá*.

Todavia, há vários aspectos que distinguem a relação conclusiva da relação causa-efeito. Um desses aspectos é a oração que o conector introduz. Nas construções conclusivas, o conector introduz a oração efeito/consequência, conforme se pode ver no exemplo (10). Na relação causa-efeito, ao contrário, o conector introduz a oração que expressa a causa, como no exemplo (11):

(10) Maria mora muito longe do seu trabalho **por isso precisa acordar cedo**.

(11) Maria precisa acordar cedo **porque mora muito longe de seu trabalho**.

O exemplo (11) apresenta a mesma informação codificada no exemplo (10), estabelecendo uma relação causa-efeito entre “morar longe do trabalho” e “precisar acordar cedo”. No entanto, a organização informacional do período complexo é distinta nas duas possibilidades. No exemplo (10), o foco recai sobre o efeito (Maria precisar acordar cedo), enquanto no exemplo (11) o foco recai na causa (Maria mora muito longe de seu trabalho), supondo, inclusive, que a informação na oração efeito (Maria precisa

acordar cedo) constitui informação compartilhada pelos participantes da situação comunicativa.

Na relação de conclusão há uma premissa explícita e uma premissa implícita, ou uma premissa maior e uma premissa menor. O estabelecimento da relação entre a premissa explícita (a explicação) e a conclusão é mediado pela premissa implícita (maior), que garante a relação entre P e Q. P traz a ideia de condição suficiente, conhecimento que serve de base para Q, que é a conclusão obtida com base em P. A relação de conclusão envolve mais a simultaneidade de eventos. Na perspectiva de Koch (1990, apud Novaes-Marques; Pezatti, 2015, p.31) os operadores conclusivos estabelecem relação entre dois atos de fala anteriores, sendo um deles normalmente implícito, como no exemplo (12) a seguir, reproduzido da autora:

- (12) José é indiscutivelmente honesto. ***Portanto/logo/por conseguinte/então é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro.*** (KOCH, 1990, apud Novaes-Marques; Pezatti, 2015, p.31)

De acordo com a autora, a conclusão “*José é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro*” é obtida por meio de duas premissas. A premissa maior é “*José é indiscutivelmente honesto*”, enquanto a premissa menor é “*As pessoas honestas são boas indicações para o cargo de tesoureiro*”.

Focalizando mais especificamente os usos de “*because*” (porque) no inglês, Sweetser (1990) propõe três tipos de relação causal, de acordo com o domínio cognitivo em que se instaura a relação entre dois segmentos discursivos: domínio do conteúdo, domínio epistêmico e domínio dos atos de fala. A distinção entre esses domínios nem sempre é transparente. Ao longo de sua análise, a autora salienta que existem exemplos nos quais apenas o contexto permite dar conta da ambiguidade do uso do conector em foco, como podemos ver no exemplo (13), traduzido de Sweetser (op. cit.), que se segue:

- (13) Ela retornou, ***porque ela deixou o livro dela no cinema na noite passada.***  
(Sweetser, 1990, p.77)

O exemplo (13) acima pode ser interpretado como uma relação de causa-efeito, na medida em que o fato de a pessoa praticar a ação de voltar é desencadeado pela sua intenção de encontrar o livro esquecido no cinema. Ao mesmo tempo, o exemplo em questão pode ser interpretado da seguinte forma: Eu sei que essa pessoa voltou ao cinema, porque eu sei que ela esqueceu seu livro no cinema. Em outros termos, tanto pode

ser interpretado como uma relação no domínio referencial como no domínio epistêmico. Nem sempre é fácil distinguir entre uma causa real (um fato) e uma inferência do locutor, como mostram os exemplos (14) e (15), traduzidos de Sweetser (op. cit.):

(14) John voltou **porque ele a amava.** (Sweetser, 1990, p.77)

(15) John a amava, **porque ele voltou.** (Ibidem)

No exemplo (14), se for acrescentada uma vírgula antes do conector *porque*, há uma inferência do locutor: a de que John voltou porque ele a amava. Por outro lado, no exemplo (15), a interpretação é a de que a volta de John se explica, supostamente, pelo seu amor pela amada em alguma medida. No exemplo (15) “John a amava” constitui uma explicação do locutor e não propriamente a causa, do fato de voltar. Neste caso, o que se tem é uma conclusão ancorada em inferências possíveis e que envolvem o conhecimento de mundo compartilhado pelos falantes. A escolha por uma ou outra forma de codificação e de ordenação dos segmentos ligados entre si depende, portanto, de uma escolha discursiva e pragmaticamente motivada.

Segundo Novaes-Marques e Pezatti (2015), há indícios de que os conectores conclusivos operariam principalmente no domínio epistêmico. A conclusão assinalada pelo conector seria uma inferência dedutiva, legitimada pela articulação de uma premissa implícita com a premissa expressa.

Uma propriedade da relação causa-efeito é a sua relação com um princípio de sequencialidade temporal, como destacado por Paiva (1991) segundo o qual a noção de tempo inerente à noção de causa influencia, inclusive, a ordenação das cláusulas causais. A autora constata que nos enunciados causais a ordenação efeito-causa predomina sobre a ordenação causa-efeito. Sob certos aspectos, podemos dizer que causa/efeito e premissa/conclusão se distinguem na medida em que, diferentemente da relação causal, a relação de conclusão envolve mais frequentemente simultaneidade entre a causa e o efeito. (cf. também LOPES et alii, 2001).

Segundo a proposta de Novaes, Marques e Pezatti (op. cit.), podem-se distinguir três tipos de relações conclusivas. Uma delas acontece entre porções textuais maiores, para sintetizar um conjunto de informações anteriormente mencionadas, o que as autoras denominam *função resumo*. A segunda relaciona indiretamente duas orações por meio de uma premissa não explicitada, denominada *função conclusão*. A terceira, denominada *função consequência*, também acontece entre orações, mas sem necessariamente a presença de uma premissa. Os três tipos de relação conclusiva postulados pelas autoras

são exemplificados em 16, 17 e 18, reproduzidos de Novaes-Marques e Pezatti (2015, p.58):

(16) Mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, por exemplo, eles acham que coisa antiga é coisa mais velha, **então** botam para, arrebentam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim gênero planalto, é, palácio da alvorada (Bra80: ArteUrbana).

O exemplo (16) mostra que o período introduzido pelo conector *portanto* liga porções textuais maiores, conectando o período em que ele ocorre com todo o parágrafo anterior, função resumo.

(17) mas a, nós negamos, fez bastante, se bem que com este desenvolvimento poderá assim mudar ou transformar a identidade de um povo? A paz não é para ser vendida ou não é para ser comp [...]. não é uma, u [...], uma questão muito assim fundamental. E a independência também é uma questão muito fund [...], fundamental. **Portanto** nós, mesmo que a Indonésia construísse em Timor prédios com, bom, de ouro, de platina, nós nunca que iríamos vender a nossa liberdade e a nossa independência. (TL99: IdentidadePovo)

O exemplo (17) relaciona indiretamente duas orações por meio de uma premissa não explicitada, o fato de a independência ser fundamental e ter ligação direta com a liberdade, denominada *função conclusão*.

(18) A- e na sua opinião, como é que isto vai evoluir para o futuro? Acha bem essa maneira dos filhos se dirigirem aos pais?

Entrevistado - Ah não. E tratá-los por tu, ainda menos! Esta trata. Os outros dois não. Esta é mais atrevida. Mas, mas a, mas os outros dois não. E eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. Até o neto agora também quer a mãe na [...], trata, o neto também trata, o filho dela. Mas não gosto porque perdem um bocado do respeito. Não gosto não, não gosto.

B - **Portanto** acha que os seus outros filhos r [...], nem um nem outro. Sentem muito, muito medo. (PT95:JuventudeOntemHoje)

O exemplo (18) mostra a ligação entre orações, mas não uma premissa, *função consequência*.

Para Novaes a consequência é uma função semântica, a conclusão, por sua vez, é uma função retórica e o resumo é uma função interacional. O conector *por isso*, como veremos mais detalhadamente no capítulo 5, oscila entre os valores conclusivos e explicativos.

Como destaca Lopes (2008), nem a relação causal nem a relação conclusiva entre segmentos textuais requer, necessariamente a ligação dos segmentos por um conector, conforme podemos observar nos exemplos (19) e (20):

- (19) A terra secou, **porque não choveu durante todo o ano.** (Lopes, 2008, p.63)  
(20) A terra secou. Não choveu durante todo o ano. (*Ibidem*)

Tanto o exemplo (19) como o exemplo (20) codificam uma relação causal. No entanto, o exemplo (20) constitui uma paráfrase, por justaposição, sem a presença de um conector causal. Os dois exemplos mostram que a relação causal ou conclusiva se estabelece por inferências que são independentes do conector. Envolve, sobretudo, o conhecimento de mundo compartilhado pelos interlocutores, no caso, o de que a falta de chuva vai provocar a seca.

Na seção seguinte, tecemos considerações acerca da função e do estatuto dos conectores conclusivos, questão que ocupa um espaço importante nos estudos linguísticos.

### 3.2 - Conectores conclusivos

Como já mostramos na seção anterior, a relação conclusiva pode ser expressa com o auxílio de conectores ou apenas pela justaposição entre segmentos discursivos como orações, períodos complexos ou mesmo parágrafos. Antunes (2014), por exemplo, destaca que o elo entre a coordenada conclusiva e a explicativa que a precede pode ser expresso seja por diferentes conectores, dentre eles, os focalizados nesta tese quanto pela ausência de qualquer elo explícito (rotulado zero), caso em que a interpretação é sugerida pelo contexto.

Floret (2022) assume que a relação entre uma evidência e uma conclusão, seja entre duas orações ou entre segmentos textuais maiores pode ser sinalizada por diferentes elementos de ligação, que se distinguem por diferentes graus de gramaticalização.

Segundo Defendi (2013), a relação conclusiva pode ser estabelecida pelas denominadas *conjunções conclusivas coordenativas*, como *logo* ou *portanto*, por sintagmas preposicionais introduzidos basicamente pela preposição *por*, como *por isso*, ou, ainda, por determinados verbos no gerúndio, como *finalizando*, *concluindo*, por exemplo. No seu estudo sobre conectores conclusivos na variedade carioca do Português, Antunes (op. cit.) constata que os conectores *então*, *aí* e *por isso* estão entre os que são mais frequentemente associados à relação de conclusão. No caso desses conectores, a ordenação dos segmentos ligados é fixa, ou seja, há uma tendência de que a oração explicativa (a evidência) preceda a oração conclusiva.

Um aspecto a destacar é a polifuncionalidade de um mesmo conector, ou seja, o fato de poder ser usado para instaurar relações distintas. O exemplo (21), reproduzido de Defendi (2013), apresenta dois diferentes usos de *portanto*, considerado um conector conclusivo prototípico.

(21) “Mas esse cenário mudou pós teoria física da indeterminação de Heisenber, e com o surgimento de filósofos fenomenólogos-existencialistas, eles descreveram de outra forma os valores humanos nas ciências. Pensadores como Jean Paul Sartre e Maurice Merleau Ponty trouxeram à tona que o mundo natural (que a ciência explica) é incompatível com o mundo sensorial (aquele que interpretamos), por exemplo, ao ver um tijolo, os olhos não enxergam moléculas de silício e calçário que compõem o bloco, ao ver um limão não se vê apenas o verde, mas a forma, o cheiro e a textura dele, não atributos vegetais desprovidos de um significado sentimental. **Portanto o homem não deve deixar a ciência negar sua condição de existência;** mesmo ao pesquisador, cada um põe um significado atrelado àquilo que sente. É por isso que, ao ver um mesmo quadro em dias distintos, alguém pode gostar num dia daquele, outro achar feio. **Portanto os sentidos não são o limite do ser humano,** como acreditavam muitos racionalistas, senão que, fazem parte de sua identificação como ser humano no mundo” (Defendi, 2013, p. 117).

Na visão da autora, a primeira ocorrência de *portanto*, no exemplo (21), explicita a conclusão do autor do texto (“o homem não deve deixar a ciência negar sua condição de existência”) tomando como base as perspectivas filosóficas de Sartre e Ponty. A segunda ocorrência de *portanto* tem a função de encerrar o texto com o posicionamento do autor em relação à tese apresentada (“os sentidos não são o limite do ser humano”). Ambos são usos conclusivos, mas o primeiro tem a função de articular orações, enquanto o segundo, a função de finalizar um texto, desempenhando uma função mais resumitiva.

Estudos do uso da língua, na sua modalidade falada ou escrita, mostram que o rol de elementos que podem estabelecer relação conclusiva não se limita aos classicamente listados como conjunções conclusivas coordenativas, como *logo* e *portanto*. São recorrentes diversos outros elementos de ligação conclusiva que são classificados de forma distinta por diferentes autores. Defendi (Op. cit.), por exemplo, a partir da análise de textos dissertativos, relaciona várias expressões linguísticas utilizadas para estabelecer relação conclusiva entre segmentos textuais, tais como *dessa forma, assim, por tudo isso, em consequência e por conseguinte*. Formas conclusivas como essas são particularmente usadas para sinalizar o encaminhamento de final de texto, ou seja, a finalização de um processo de interação. Por essa razão, esses elementos são denominados pela autora de *marcadores de conclusão textual*.

A relação conclusiva é de natureza retroativa, ou seja, ela estabelece uma ligação anafórica, sempre remetendo a segunda porção discursiva ao discurso anterior. Assim, podemos dizer que o conector que liga os segmentos apresenta uma função instrucional, atuando, portanto, como elemento de coesão discursiva. Defendi (Op. cit.) preconiza que o conector *portanto*, formado pela preposição *por* e o advérbio *tanto*, faz o leitor recuar no texto para recuperar uma informação ou sinaliza o final de um raciocínio apresentado no texto. De forma semelhante, Novaes (2001, 2009) ressalta que o conector *portanto*, ao estabelecer uma relação conclusiva, remete a uma oração ou a uma sequência de orações precedentes, criando uma relação semântica de conclusão, como no exemplo (22), retomado da autora:

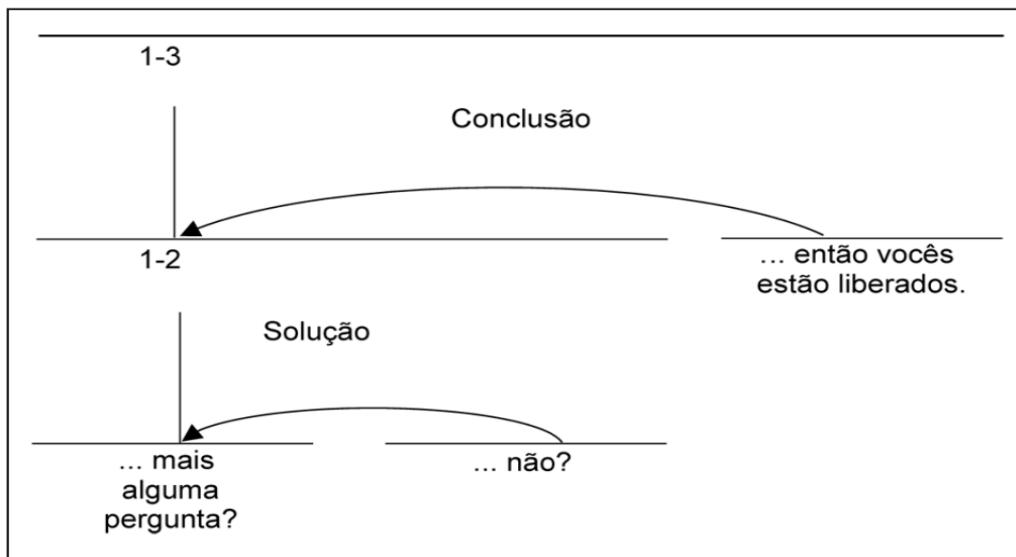
(22) O doente é uma fonte de informação fundamental. Se o doente se queixa, há qualquer coisa mesmo que seja imaginário. **Portanto, é a abertura ao doente** e essa capacidade de comunicar que são essenciais. (Novaes, 2009, p. 333)

Embora os exemplos envolvam o conector *portanto*, essa função anafórica/retroativa pode ser considerada uma função geral de todos os conectores conclusivos. Para Alves (2013), a forma *então*, por exemplo, é utilizada para explicitar a intenção do falante em levar o destinatário a entender sua inferência, tendo como base as informações já partilhadas por ambos no processo comunicativo, pois já apresentadas no discurso precedente. Alves (2013, p.22) preconiza que microestrutura trata das relações entre sentenças adjacentes ou proposições (nível local). Mais além, defende que macroestrutura aborda segmentos maiores, que trazem a informação que fornece unidade global ao discurso (nível global). A autora propõe que há uma relação de conteúdo nas

relações conclusivas, levando o destinatário a reconhecer o tipo de relação existente entre as porções (orações do período). Na análise da autora, esse elemento atua tanto no nível micro quanto no nível macroestrutural, como no exemplo (23):

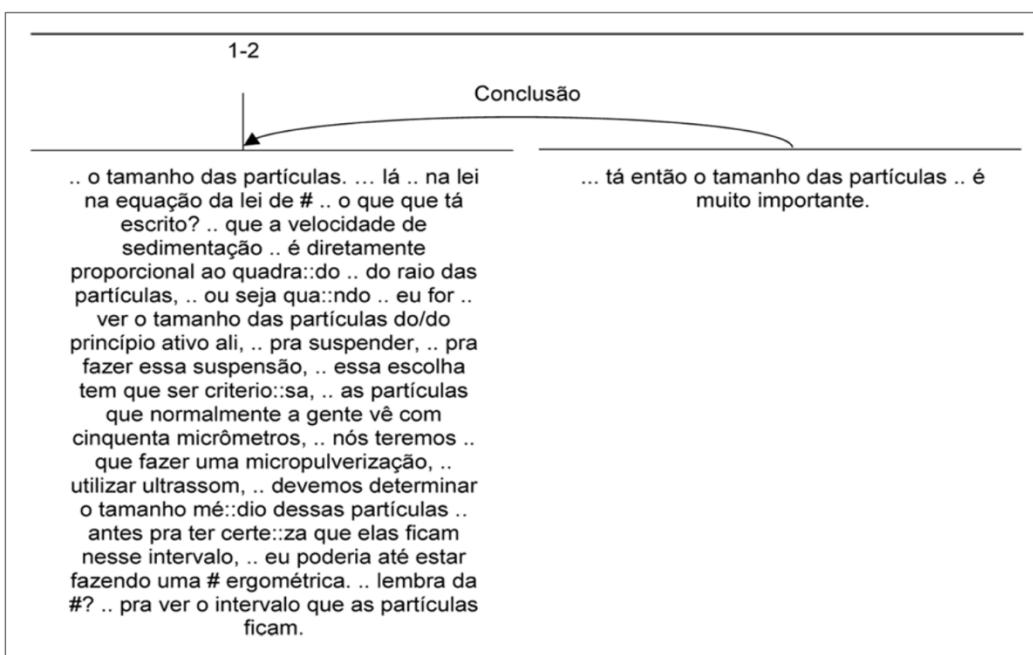
(23) Mais alguma pergunta? Não? ***Então vocês estão liberados.***

Figura 1 - Diagrama com relação de conclusão na microestrutura



Fonte: Reproduzido de Alves (2013, p. 55)

Figura 2 - Diagrama com relação de conclusão na macroestrutura



Fonte: Reproduzido de Alves (2013, p. 55)

Um aspecto que tem sido objeto de discussão é a natureza dos diferentes elementos que articulam segmentos discursivos relacionados por evidência-conclusão. Alguns podem ser considerados conjunções coordenativas propriamente ditas, como é o caso de *logo* no exemplo (24):

- (24) “Teu carro já está velho, ***logo* não pode subir a serra**”

Como *logo* liga orações independentes, Rocha Lima (1971) lhe atribui o estatuto de conjunção, juntamente com *portanto*, por exemplo. (cf também Cunha e Cintra, 1985 e Kury, 1993).

De acordo com vários autores, a maioria dos elementos que pode ligar uma premissa a uma conclusão não pode ser considerada propriamente uma conjunção coordenativa. Uma propriedade estabelecida por Quirk et al (1985) na definição de uma conjunção diz respeito à posição ocupada pelo elemento conector na oração. Conjunções coordenativas como a aditiva *e*, a alternativa *ou* e a adversativa *mas* são restritas à posição inicial na oração. Parte considerável dos conectores considerados conclusivos, excetuando *logo*, têm mobilidade na oração, podendo se situar em diferentes posições da oração, conforme é possível ver nos exemplos que seguem.

- (25) José estudou pouco. ***Portanto/então/por isso/ai***, tirou notas baixas.  
(26) José estudou pouco. Tirou, ***portanto***, notas baixas.  
(27) José estudou pouco. Tirou, ***então/por isso***, notas baixas.  
(28) José estudou pouco. Tirou, ***logo***, notas baixas.

Os conectores *ai*, *então* e *por isso* podem variar sua posição na oração. O conector *logo*, por sua vez, não pode ocorrer na posição pós-verbal, o que permite considerá-lo como uma verdadeira conjunção coordenativa, o que explica também sua restrição a ser precedido de *e*, por exemplo. O conector *logo* partilha com *portanto*, *ai*, *então* e *por isso* a possibilidade de ocorrerem na posição inicial do período no qual se encontram e o fato de que não admitem uma mudança na posição da oração que introduzem, como fica evidente no exemplo (29).

- (29) José estudou pouco, ***portanto/então/por isso/logo/ai*** tirou notas baixas.

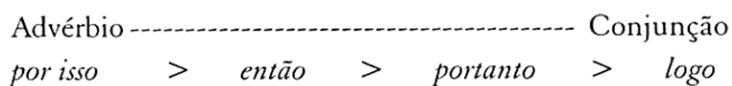
Um outro critério para excluir *por isso*, *aí* e *então* do conjunto das conjunções coordenadas conclusivas é a possibilidade de serem precedidos pelo conector *e*, como no exemplo (30):

- (30) José estudou pouco e, ***por isso***, tirou notas baixas.

Considerando essas restrições, Amorim e Sousa (2009), consideram apenas *logo* como conjunção coordenativa. Bechara (2009) assume que elementos conectores como *portanto*, *assim*, *por isso aí* e *então*, constituem unidades adverbiais, porque marcam relações textuais, não tendo o papel de conectar orações. Moura Neves (2011) considera esses elementos de ligação como advérbios juntivos.

Essas diferenças no comportamento dos diversos conectores que podem estabelecer relação conclusiva resultam, pelo menos em parte, do seu estágio de gramaticalização. Originalmente, esses elementos, em sua maioria, apresentam uma função adverbial e podem adquirir função conectora de orações, como é claramente o caso de *portanto*, *por isso*, *aí* e *então*. Como a gramaticalização desses elementos acontece gradualmente, eles podem estar em estágios diferentes de gramaticalização, como concluem Pezatti (2000), Braga (2003) e Floret (2022). Como destacado por Pezatti (Op. cit), eles podem ser considerados, assim como diversos outros operadores, como termos híbridos, em transição entre as categorias de advérbio e conjunção. Vale ressaltar que todos os elementos encontrados na amostra de fala analisada neste trabalho ainda estão em curso de gramaticalização, o que faz com que apresentem características das duas categorias: advérbios e conjunções. Desse modo, esses conectores estariam em diferentes estágios de gramaticalização como conjunções. Segundo a proposta de Pezatti (Op. cit.) *portanto*, *por isso*, *logo* e *então* se distribuem no seguinte *continuum* de gramaticalização:

Figura 3 - *Continuum* de gramaticalização dos conectores conclusivos



Fonte: Pezatti, 2000, p. 69.

Há diversos aspectos a serem destacados sobre o conector *aí*. Para Tavares (1999), *aí* opera como uma forma de sequenciação retroativa-propulsora (anafórica e catafórica), ou seja, estabelece relação com o discurso anterior (relação anafórica) e contribui para o

desenvolvimento do discurso seguinte (relação catafórica). O uso de *aí* como conector parece ser mais recente do que o de *então*. Embora, a forma *aí* seja fortemente associada à função de sequenciação temporal, ela pode desempenhar diversas outras funções.

Conforme afirma Tavares (1999):

*AÍ* é condicionado favoravelmente pela sequenciação temporal, de marcação intermediária para baixa, e pela introdução de efeito, e marcação intermediária para alta. Todavia, concorre com ENTÃO em contextos de alta marcação, como a retomada e o nível de articulação de segmentos tópicos. Acredito que o fato de AÍ ter marcação intermediária possa fazê-lo oscilar entre contextos de diferentes graus de marcação. (TAVARES, 1999, p.211)

Braga (2003) também aborda a multifuncionalidade do elemento *aí*. A autora apresenta diversos possíveis valores semânticos, ou funções, para esse conector. A primeira delas é a função juntiva, ou seja, de ligação entre duas orações, que pode ser sequencial, continuativo e relações no domínio da causalidade, como consequência e conclusão. A autora relaciona ainda a função discursiva, quando *aí* sinaliza a retomada de um subtópico ou o fechamento de subtópico e, ainda, o uso sufixal.

Ainda de acordo com Braga (Op. cit), *aí* pode ser substituído por *então*, sendo essa substituição influenciada pelas variáveis sociais idade e escolaridade do falante, ocorrendo com mais frequência entre falantes mais jovens e de menor escolaridade. Comparando as amostras Censo 1980 e 2000, a autora destaca que, ao longo do tempo, há uma redução do uso do conector *aí* e um aumento do conector *então*. A autora destaca ainda que houve um aumento dos usos discursivos do conector *então* na amostra mais recente.

Sapata (2005), faz uma análise textual e argumentativa do conector *então*, que, apesar de ser definido nas gramáticas tradicionais como conjunção conclusiva, apresenta outros valores semânticos. Segundo a autora, *então* é utilizado com valor de temporalidade, de causalidade, de condicionalidade e de conclusão. Além disso funciona como um elemento anafórico-sequencial, sequencial e intensificador.

Silva et Silva (2012), no estudo denominado *A perspectiva de gramaticalização do então num percurso diacrônico*, afirmam que *então* apresenta no português atual, além de valor conclusivo, valores sequenciais e anafóricos, além de outros. As autoras destacam que, no século XIV, 55% do uso do conector *então* é destinado a *sequentializar eventos*, como no exemplo (31).

(31) E quando o sergente quis dar a bever ao bispo, el-rei calou-se e tendeu a mão e tomou o vaso que o sergente dava ao bispo e deu-lho el per si mesmo pera provar se poderia antender per spiritu de profecia, que dizian que havia, quen era aquel que lhi tendia o vaso pera bever. ***Então o santo homem de Deus tomando vaso*** e non veendo o sergente que lho dava disse: ... (COMTELPO, século XIV, p.100)

Mais além, as autoras mostram que, no século XVIII o uso de *então* seguiu predominando com valor sequencial, representando 50% da frequência, como no exemplo (32).

(32) No penúltimo titulo della fe diz: Quando ho mestre dom payo Correa ouve ganhadas estas Villas de castella cuidou EllRey afonso qu era bem de mandar e pedir aquella terra á seo sogro que lha deçe por conquista e ***então enviou lá a Raynha sua mulher &c.*** (COMTELPO, século XVIII, p. 75)

Ainda no trabalho das autoras em foco, verifica-se que o uso de *então* com valor *conclusivo* aumentou de 10%, no século XIV, para 25% no século XVIII. O exemplo (33) mostra uma ocorrência do *então* com valor conclusivo neste período.

(33) Com tudo iſſo, para maio precauçāo, não reprovo que o varão pontagudo ſe coloque ſobre baſe de vidro, ou de pez, fim de deter no pé do mesmo varão o fogo eléctrico; e do mesmo modo ſobre o tecto, e fóra delle ter alguma couſa affaſtado o arame de communicação, ou com eſpeques de páo breados, ou com vergas de vidro; no qual caſo porém he preciso não ſò a beſe do varão, como tambem eſteſ eſpeques, que ſuſtem o arame, defendellos da chuva; porque quella, e eſteſ, ſendo molhados, não podem ***então impedir a communicação de algum fogo electrico com o Edificio.*** (COMTELPO, século XVIII, p.59)

O conector *por isso*, o menos gramaticalizado dos conectores conclusivos focalizados, apresenta maior número de traços dos advérbios. De acordo com Martelotta (2004, p.12) o uso de *por isso* como conector ou juntivo oracional apresenta a seguinte trajetória: Em um determinado momento, o elemento *isso* da construção *por isso*, por hipótese, se apresentou ambíguo entre o seu valor de pronome demonstrativo anafórico e sua função de formar, juntamente com a preposição *por*, uma construção que liga duas orações, fazendo da segunda a consequência da primeira.

Barreto (1999) destaca diversos usos de *por isso*. Já no século XIII, *por isso* era mais utilizado como encadeador de narrativas ou reforço adverbial. No século XVI, funcionava com valor adverbial, precedido do encadeador *e*. Ainda de acordo com a autora, como conector *por isso* opera tanto no domínio referencial como no domínio epistêmico. Segundo o estudo diacrônico de Floret (2022), o uso de *por isso* como conector teve um aumento significante a partir do período clássico do Português. No Português contemporâneo, houve aumento significativo de *por isso* como conector em textos narrativos.

Ao discorrer sobre o valor semântico do conector *por isso*, Sapata (2005) destaca que essa forma é o operador menos conclusivo dentre os demais conectores anteriormente analisados, pois apresenta ainda muitas propriedades adverbiais e, muitas vezes, exprime explicação ou causa ao invés de conclusão ou consequência. Para a autora, as ocorrências de *por isso* oscilam entre os valores conclusivos e explicativos. O exemplo (34), reproduzido de Sapata (Op. cit, p.75), ilustra o uso da sequência *por isso* com valor conclusivo.

(34) “É um carro produzido a cada dois minutos. **Por isso**, quando você acabar de ler este anúncio, este número recorde de 13 milhões já terá sido ultrapassado.”  
(PB-A-Ve:22/03/00:p.77:28-30)

No exemplo (34), *por isso* aproxima-se de uma conjunção conclusiva, já que tem a possibilidade de ser substituído por *logo*. Além disso, refere-se ao domínio epistêmico, típico das orações conclusivas e não pode ser movido de sua posição, pois liga a oração “é um carro produzido a cada dois minutos” a um período composto “quando você acabar de ler este anúncio, este número recorde de 13 milhões já terá sido ultrapassado”.

Destaca-se, portanto, o papel de *por isso* como introdutor de orações, formando períodos compostos. Ainda segundo a análise de Sapata (Op. cit), como conector *por isso* é mais recorrente em gêneros escritos mais informais, como as entrevistas.

Uma questão relevante para esta tese é a possibilidade, ou não, de alternância/variação entre os conectores *aí*, *por isso*, *então* e *portanto* tanto na fala como na escrita. Para Antunes (2014), o uso variável dessas formas é sistemático, regular e estatisticamente previsível. Analisando a relação conclusiva em dados da fala carioca, representada pela Amostra Censo 1980, o autor constata maior ocorrência de *então* e *aí*. Mostra, no entanto, que há uma complementariedade entre esses dois conectores, no que se refere ao tipo textual. O conector *aí* é favorecido em narrativas, enquanto *então* tende

a ser mais recorrente em argumentações. O autor atesta que o conector *por isso* é a forma de conexão conclusiva menos recorrente (apenas 14%) na Amostra Censo de 1980.

Assim como *ai*, a forma *por isso* predomina entre falantes mais jovens e então entre falantes mais velhos. Uma questão que pode ser levantada é se as formas *ai* e *por isso* têm menos prestígio do que a forma *então*.

Alguns aspectos já destacados neste capítulo serão retomados no capítulo 5, no qual apresentamos e discutimos os resultados da nossa análise. No próximo capítulo serão especificadas a amostra e a metodologia adotadas para o desenvolvimento deste trabalho.

## 4 - AMOSTRA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já esclarecido na introdução, o objetivo central deste estudo é comparar o uso dos conectores conclusivos na fala e na escrita, identificando os fatores que motivam a ocorrência de cada uma dessas formas de conclusão. Neste capítulo serão especificadas e caracterizadas tanto a amostra de fala como a amostra de escrita utilizadas para o levantamento de dados e a metodologia adotada para a verificação das hipóteses que norteiam esta tese.

### 4.1 - Amostras

Para a análise do uso dos conectores *ai*, *então*, *por isso* e *portanto*, conectores ligados à relação conclusiva na língua falada, foi utilizada a base de dados denominada Amostra Censo 2000 (semi-informal), uma amostra estratificada, organizada pelo grupo PEUL (Programa de Estudos do Uso da Língua), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse grupo realizou, entre os anos 1999 e 2000, entrevistas com 32 falantes, distribuídos de acordo com as variáveis sociais sexo/gênero (homem/mulher), idade (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos) e escolaridade (Fundamental 1, Fundamental 2 e Ensino Médio). Os falantes foram distribuídos aleatoriamente por diferentes bairros do Rio de Janeiro, procurando-se, na medida do possível, respeitar a diversidade sociocultural e geográfica da cidade. No quadro 1, relacionamos os falantes que compõem essa amostra.

Quadro 1 - Composição da Amostra Censo 00

Falante	Sexo	Idade	Escolaridade
01- Mca	Feminino	9 anos	Fundamental 1
02- Raf	Masculino	14 anos	Fundamental 1
03- Rom	Masculino	14 anos	Fundamental 2
04- Rob	Feminino	14 anos	Fundamental 2
05- And	Masculino	21 anos	Fundamental 1
06- Ale	Masculino	19 anos	Fundamental 1
07- AdrR	Feminino	21 anos	Fundamental 1
08- Cris	Feminino	25 anos	Fundamental 1
09- Fil	Masculino	15 anos	Fundamental 2
10- Isa	Masculino	19 anos	Fundamental 2

11- Mir	Feminino	15 anos	Fundamental 2
12- And	Feminino	15 anos	Fundamental 2
13- Gla	Masculino	21 anos	Ensino Médio
14- Gil	Feminino	20 anos	Ensino Médio
15- Pat	Feminino	26 anos	Fundamental 1
16- Car	Masculino	48 anos	Fundamental 1
17- Sim	Feminino	27 anos	Fundamental 1
18- Luc	Feminino	49 anos	Fundamental 1
19- Jor	Masculino	37 anos	Fundamental 2
20- Rei	Masculino	47 anos	Fundamental 2
21- Cla	Feminino	33 anos	Fundamental 1
22- Ana	Feminino	34 anos	Fundamental 2
23- Fla	Masculino	26 anos	Ensino Médio
24- Adr	Feminino	36 anos	Ensino Médio
25- Aug	Masculino	54 anos	Fundamental 2
26- Man	Masculino	51 anos	Fundamental 1
27- Zil	Feminino	69 anos	Fundamental 1
28- Ter	Feminino	69 anos	Fundamental 1
29- Ra	Masculino	67 anos	Fundamental 2
30- Mar	Feminino	61 anos	Fundamental 2
31- Tad	Masculino	50 anos	Ensino Médio
32- Euc	Feminino	55 anos	Ensino Médio

As gravações desses falantes foram realizadas por meio de entrevistas sociolinguísticas com uma hora de duração, visando a garantir a comparabilidade entre as amostras de fala de 1980 e a de 2000. Para tanto, procurou-se reduzir, ao máximo, a interferência de outras variáveis possíveis, como, por exemplo, o próprio assunto/tema abordado na entrevista. O objetivo dessa amostra é fornecer material controlado para o estudo da direcionalidade de processos de variação e mudança em tempo real na fala carioca, através da comparação com os dados coletados na amostra Censo 1980. Com a análise do mesmo fenômeno nas duas amostras, é possível identificar se se trata de um caso de variação estável ou de um processo de mudança em curso na comunidade. Para

tanto, a Amostra Censo 2000, foi organizada com base nos mesmos parâmetros da Amostra Censo 80.

A amostra Censo 2000, assim como a Amostra Censo 80 pode ser considerada como um exemplo de fala semi-informal, característica decorrente da própria técnica de obtenção dos dados, a entrevista. Tal gênero constitui uma relação face-a-face em que uma pessoa (o entrevistador) faz perguntas a outra (o falante entrevistado). Desse modo, se estabelece uma situação de comunicação na qual um dos participantes tem o controle da situação comunicativa interacional. O fato de que as entrevistas dessa amostra foram conduzidas por pessoas estranhas ao círculo de relações do entrevistado, já que a escolha do falante aconteceu de forma aleatória, tem, inevitavelmente, consequências no grau de formalidade linguística, o que dificulta considerá-las como realmente representativas do vernáculo, ou seja, o registro de fala menos monitorado, utilizado pelos falantes quando não estão sendo observados.

Sendo uma interação guiada por um entrevistador, como é o caso das entrevistas dessa amostra, essa técnica tem a vantagem de possibilitar a obtenção de maior diversidade de tipos de textos, ou sequências textuais, o que fornece material para a análise da influência dessa variável sobre fenômenos linguísticos variáveis, como o proposto neste estudo.

Para o estudo dos conectores conclusivos na língua escrita, utilizamos a Amostra de dados denominada Amostra do Discurso Jornalístico, um conjunto de textos representativos de diferentes gêneros jornalísticos, publicados em diferentes jornais, organizada igualmente pelo Grupo PEUL, entre os anos 2002 e 2003. O objetivo dessa amostra foi o de constituir uma base de dados controlada que possibilite estudos comparativos entre as modalidades falada e escrita no que se refere à variação e implementação de processos de mudança na variedade carioca.

Os textos que constituem essa amostra foram extraídos de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro. Foram selecionados jornais direcionados para um público-alvo diferenciado. Por um lado, o *Extra* e *O Povo*, mais populares e, por outro, o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, voltados para leitores com maior nível de instrução, na sua maioria pessoas de classe média.

A amostra compreende textos representativos de diferentes gêneros discursivos da mídia jornalística: Cartas e Crônicas (75 arquivos de cada), Notas de Coluna Social, Editorial, Horóscopo, Notícias/Reportagens (geral e esportivas) e Artigos de Opinião (100 arquivos de cada gênero, vinte e cinco de cada jornal). As cartas apresentam a

opinião do leitor sobre um acontecimento ou tema. As crônicas narram acontecimentos do cotidiano de forma crítica e reflexiva. As notas de coluna social apresentam informações sobre pessoas famosas, que foram coletadas por um colunista social. O editorial é um artigo que apresenta a opinião de um grupo sobre determinada questão. O horóscopo aborda informações sobre planetas e signos. Notícias e reportagens são conteúdos jornalísticos escritos ou falados, baseados no testemunho direto dos fatos. O artigo de opinião é um tipo de texto dissertativo-argumentativo no qual o autor apresenta seu ponto de vista sobre determinado tema. Esses gêneros representam diferentes graus de formalidade da escrita.

Em princípio, a modalidade escrita apresenta maior nível de formalidade em relação à fala. No entanto, os textos escritos podem apresentar diferentes níveis de formalidade, o que ocorre igualmente nos diferentes gêneros orais. Os textos da mídia jornalística na sua modalidade escrita, constituem situações de comunicação, que visam a um público mais amplo e não definido previamente. Distinguem-se, no entanto, por possuírem objetivos sociocomunicativos distintos e particularidades estruturais, podendo apresentar diferentes níveis de formalidade. Conforme destaca Reis (Op. cit):

“...os textos escritos na mídia jornalística caracterizam-se necessariamente por maior formalidade, se comparados com os textos orais, visto que são textos de caráter público e com circulação social, o que impõe maior preocupação de conformidade a um padrão linguístico.” (Reis, 2010, p.64).

A diversidade de gêneros jornalísticos escritos permite controlar o possível efeito da variável grau de formalidade. De acordo com Reis (2010, p.65) as cartas escritas por leitores publicadas em jornais e revistas, por exemplo, são predominantemente escritas na primeira pessoa, podem ser caracterizadas como um gênero argumentativo, visto que expressam opiniões dos leitores sobre algo que leram. Uma característica desse gênero é a utilização de períodos longos, principalmente argumentativos, com variados objetivos comunicativos, como criticar, avaliar e opinar.

Levantamos todas as ocorrências de *aí, então, por isso e portanto* nos textos falados e escritos. Os resultados atestados em ambas são apresentados e comparados no capítulo 5.

#### **4.2 - Procedimentos metodológicos**

Em um primeiro momento, foi feita uma busca por todas as possíveis relações conclusivas nas 32 entrevistas, que representam a modalidade falada, inclusive as

ocorrências de períodos com relação de conclusão sem o uso de conector, ou seja, casos de justaposição. Esse primeiro levantamento permitiu constatar que os conectores conclusivos predominantes na amostra de fala carioca são *ai*, *então* e *por isso*, razão pela qual nos concentramos no estudo dessas três formas. Vale destacar que o conector *portanto* apresentou apenas duas ocorrências na amostra Censo 2020, sendo, portanto, excluído da análise da fala e abordado apenas na modalidade escrita. Destacamos também que não houve nenhuma ocorrência do conector conclusivo prototípico *logo*. Além disso, durante o levantamento, alguns dados foram descartados principalmente as ocorrências do conector *ai* com valor meramente sequencial, ou seja, indicando, sequencialização de eventos.

Na análise dos textos jornalísticos, utilizada para a modalidade escrita, além das três formas predominantes na escrita, *ai*, *então* e *por isso*, o conector *portanto* tem ocorrência relevante.

Após o levantamento dos dados das duas amostras, as ocorrências de *ai*, *então*, *por isso* e *portanto* foram analisadas de acordo com diferentes grupos de fatores que traduzem nossas hipóteses acerca da possibilidade de variação entre os conectores em foco. Esses grupos de fatores controlam aspectos linguísticos e sociais. Dentre os grupos de fatores, seis deles são comuns à fala e à escrita. Apenas um deles, tipo de texto, é exclusivo da modalidade escrita. Por outro lado, os grupos de fatores gênero (homem/mulher), idade e nível de escolaridade são exclusivos da modalidade falada. A seguir, abordaremos os grupos de fatores comuns às duas modalidades.

O primeiro grupo de fatores linguístico diz respeito à relação semântica que se estabelece entre os segmentos ligados pelo conector. Como já discutido no capítulo 2, os conectores em análise podem instaurar tanto a relação premissa-conclusão como a relação causa-consequência. O nosso objetivo é verificar se as formas connectoras focalizadas podem alternar na expressão dessas duas relações ou se elas se especializam na realização de uma ou outra relação semântica. Partimos da hipótese de que na relação premissa/conclusão predominará o conector *então*, em ambas as modalidades da língua. Na relação causa/consequência, por sua vez, predominará o conector *ai*, na modalidade falada.

Como já destacado no capítulo 2, os conectores conclusivos podem ligar segmentos diversos tanto do ponto de vista da sua extensão como do papel que desempenham na macroestrutura discursiva. Considerando essa multifuncionalidade, buscamos identificar a forma como esses conectores, intervêm na macroestrutura de

textos orais e escritos. Para tanto, analisamos o tipo de segmento que é ligado pelo conector, ou seja, uma oração, constituindo um período complexo, duas orações, segmentos discursivos maiores, parágrafos ou até mesmo turnos de fala. A expectativa é que a presença dos conectores conclusivos seja maior em períodos com duas orações, uma vez que é o tipo de uso mais transmitido e praticado no ensino de um modo geral.

Ainda na perspectiva de que os conectores em foco atuam além do nível sentencial, consideramos também o tipo de sequência discursiva em que o conector ocorre. Distinguimos sequências narrativas, descritivas, argumentativas e expositivas. Partimos da hipótese de que os conectores conclusivos se distribuem de forma diferenciada, de acordo com a sequência discursiva. Podemos pressupor, por exemplo, que o conector *aí* predomine em textos narrativos.

Considerando que a relação conclusiva envolve um forte componente subjetivo, analisamos também a ocorrência ou ausência de um modalizador na oração introduzida pelo conector. A modalização tem a função de manifestar o posicionamento do enunciador em relação àquilo que foi dito. Esperamos que tanto na língua oral quanto na língua escrita ocorram poucos casos de modalizadores nas orações em que se situam os conectores conclusivos, em especial na modalidade escrita. Buscamos identificar os conectores que ocorrem mais frequentemente com a modalização, pressupondo que o acréscimo de modalizador ocorra principalmente com a forma *então*.

Um outro aspecto, de natureza semântica controlado na análise considera a forma verbal núcleo da oração introduzida pelo conector. De acordo com os dados levantados, classificamos os verbos de acordo com as seguintes possibilidades: ação/evento, movimento, estado, cognitivos e verbos modalizadores. Esperamos que alguns conectores predominem na presença de verbos de ação/evento em ambas as modalidades do português, pois esse tipo de verbo é utilizado com frequência. Nossa hipótese é a de que a conector *aí* predominará com esse tipo de verbo na fala.

O sexto grupo de fatores linguístico trata da presença ou ausência de dupla marcação, ou seja, se temos a presença de um conector também no segmento que antecede a oração conclusiva ou consequência. Por hipótese, podemos esperar que o conector *aí*, mais associado à sequenciação, favoreça essa dupla marcação.

Além das variáveis acima apresentadas, partimos do pressuposto de que a própria modalidade (fala ou escrita) é provavelmente uma das variáveis mais relevantes, que pode favorecer ou desfavorecer o uso de determinados conectores. Esperamos que o conector *aí* predomine principalmente na modalidade oral.

Além das variáveis linguísticas explicitadas acima, controlamos também as variáveis sociais. Como já esclarecido, na análise dos dados de fala, nos concentramos nas variáveis utilizadas na estratificação da amostra de dados utilizada. Como já destacado, a amostra de fala foi organizada de acordo com o sexo/gênero, idade e grau de escolaridade do falante. Buscamos identificar o efeito possível dessas variáveis no uso das formas conectoras focalizadas. Além disso, a variável idade permite atestar que há possível mudança em curso.

A variável escolaridade tem ligação direta com a promoção ou resistência a uma mudança em curso na língua. Dessa forma, partimos da hipótese de que o nível de instrução/escolaridade do falante influencia a “escolha” de um ou outro conector conclusivo. Assim, são considerados três níveis de escolaridade, de acordo com a segmentação da Amostra Censo 2000: nível fundamental 1, nível fundamental 2 e nível médio.

Consideramos também a variável idade, segmentada em quatro faixas etárias diferentes: 7 a 14 anos – 15 a 25 anos – 26 a 49 anos e acima de 50 anos. Como já discutido no capítulo 2, a correlação entre faixa etária e uso de uma variante linguística por indivíduos de diferentes idades pode fornecer indicações acerca da natureza de um fenômeno variável; uma variação estável ou uma mudança em progresso? (cf. LABOV, 1972). Nosso objetivo é verificar se a escolha de cada um dos conectores está associada de forma significativa com a idade do falante, o que pode fornecer evidência do espalhamento de uma determinada forma conectiva. Com a análise do efeito da variável idade buscamos identificar a possível existência de um processo de mudança, ou seja, se alguma das formas de expressão de conclusão tende a se espalhar em detrimento de outras.

Os dados levantados na amostra da modalidade oral e na amostra da modalidade escrita foram analisados sob o prisma de diversos grupos de fatores, que são especificados mais abaixo. Na modalidade falada, os grupos de fatores foram a relação semântica, tipo de segmento ligado pelo conector, gênero, idade, nível de escolaridade, sequência discursiva, presença ou não de modalização, o tipo de verbo e presença ou não de dupla marcação. Na modalidade escrita, os grupos de fatores adotados foram a relação semântica, tipo de segmento ligado pelo conector, sequência discursiva, presença ou não de modalização, o tipo de verbo, presença ou não de dupla marcação e o tipo de texto no qual ocorrem. A seguir, procedemos a uma análise estatística multivariacional, ou de regressão múltipla, com o auxílio do programa GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Esse tratamento estatístico nos permite verificar a

validade das hipóteses relativas aos condicionamentos que operam sobre o uso dos conectores conclusivos. A análise estatística realizada pelo programa permite identificar os grupos de fatores mais relevantes para a utilização da variante que se mostrar a mais frequente, fornecendo, inclusive, indicações acerca dos contextos em que os conectores conclusivos podem alternar ou se especializarem.

No capítulo 5 vamos apresentar e discutir os resultados obtidos nesta análise tanto para os dados da fala, representada pela Amostra Censo 2000, como da escrita, representada pelos textos jornalísticos de diferentes gêneros.

## **5 - COMPARANDO FALA E ESCRITA**

Neste capítulo, apresentamos e comparamos os resultados obtidos na análise dos dados de fala com os dados levantados nos textos jornalísticos, ambas amostras organizadas pelo grupo PEUL, como já esclarecido no capítulo 4. Na seção 5.1 focalizamos as variáveis linguísticas e, na seção 5.2, serão discutidos os resultados para

as variáveis não linguísticas. Conforme será mostrado ao longo deste capítulo, há evidências de que os conectores conclusivos estudados ocorrem de forma distinta nas duas modalidades consideradas. A análise revela que a distribuição dessas formas varia de acordo com a modalidade e o grupo de fatores considerado, como veremos ao longo deste capítulo.

### 5.1 - Variáveis linguísticas

Como já explicitado na introdução, o foco deste estudo é o uso dos conectores *aí*, *por isso*, *portanto* e *então* exemplificados, respectivamente, na fala e na escrita, a seguir.

(35) Entrevistador: Você lembra, assim, de alguma coisa que tenha, assim, marcado, alguma arte?

Entrevistado: Arte delas? Aí, o bicho pega. O ... o que eu lembro mais é que a outra ... as duas queriam ir pra uma festa, aí eu não deixava, aí falavam: 'Pô, pai', aí eu: 'não vai', aí, às vezes, quando eu virava as costas pra um, tal' (estala os dedos) aí, elas fugiam, né? aí, 'vou ao cinema', aí eu falava também que não ia, ***aí elas sempre iam escondido***, mas ia, né? (Amostra Censo 2000, falante 20)

(36) Em princípio não há o que discutir; só mesmo caso alguma classe seja “garfada”, e passe a receber menos do que o devido por lei; ***aí o jeito é enfrentar o “equívoco governamental”*** (Amostra do Discurso Jornalístico, cartas dos leitores)

(37) Entrevistador: Quais são os defeitos que você acha?

Entrevistado: Tipo ela... porque eu sou magra e ela é gorda e ela fica com inveja de mim ***por isso ela quando eu vou na casa dela ela me enche de comida***. A outra, a de Ipanema, não aqui embaixo. (Amostra Censo 2000, falante 1)

(38) Tomara que o bravo Júnior esteja certo e que 2004 seja mesmo diferente do ano que se despede. É que em 2003 a bola, que é redonda e que, ***por isso, deveria rolar para todos***, resolveu desobedecer tal preceito e, tresloucada, desandou a quicar desordenadamente para a maioria. (Amostra do Discurso Jornalístico, artigos de opinião)

(39) Entrevistado: E- É. E também não é, também não é nada não é nada pra mim **portanto estudaria aqui** assim mas eu acho melhor eu acho mais legal assim eu estudar nos Estados Unidos. (Amostra Censo 2000, falante 1)

(40) Se somarmos todos os deputados eleitos pela coalizão PT/PL (117) com os dos prováveis aliados do PC do B, PV, PPS, PSB e PDT chegaremos ao total de 192 parlamentares. Tendo a Câmara 513 membros, estamos **portanto bem longe da maioria simples** (256) e mais ainda da maioria de dois terços exigida para mudanças constitucionais. No Senado, no total de 81 membros, PT/PL têm apenas 17, e, somados ao resto da esquerda, 27. (Amostra do Discurso Jornalístico, artigos de opinião)

(41) Entrevistado: Ah, você vai ter que pegar um ônibus?

Entrevistador: Tem que pegar ônibus?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Como é que é?

Entrevistado: Não me lembro bem onde tem que pegar. Você pega um ônibus aqui em frente. Aí solta na estação, pega o trem. Qual o lugar que você vai?

Entrevistador: Eu vou pra Nova Iguaçu.

Entrevistado: **Então você pega eu acho que é o Japeri** se eu não me engano. Eu acho que é, sei lá, eu não costumo andar de trem. Aí vai, salta na estação de Nova Iguaçu. (Amostra Censo 2000, falante 2)

(42) É de chorar de rir a história do Edílson, que continua a desafiar toda a banca da nova comissão técnica e desafiava a diretoria do Flamengo, dando bananas, fazendo caretas e brandindo os seus direitos. Férias são trinta dias, jamais dezoito, dez ou vinte. Trinta! E estamos conversados. A não ser que paguem a diferença. Pagam? Não?! **Então que aguardem sentados.** (Amostra do Discurso Jornalístico, artigos de opinião)

A tabela 1, a seguir, mostra a distribuição dessas quatro formas de estabelecer a relação conclusiva nos dados de fala da Amostra Censo 2000 e na escrita representada pelos textos jornalísticos. Os resultados reunidos na tabela 1, a seguir confirmam nossa

hipótese de que a própria modalidade de língua, falada ou escrita, é uma variável, que pode favorecer ou desfavorecer o uso de determinados conectores.

Tabela 1 - Frequência dos conectores em ambas as modalidades

Conectores	MODALIDADE			
	Fala		Escrita	
Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência	
<i>Aí</i>	327	43,1%	7	5,6%
<i>Então</i>	393	51,8%	31	25%
<i>Por isso</i>	36	4,7%	19	15,3%
<i>Portanto</i>	2	0,4%	67	54%
<b>TOTAL</b>	<b>758</b>		<b>124</b>	

Uma primeira constatação relevante é a recorrência muito maior de orações conclusivas na modalidade falada (758) do que na modalidade escrita (124).

Uma hipótese inicial era a de que o conector *então* seria predominante nas duas modalidades. No entanto, segundo os resultados da tabela 1, *então* se destaca como o conector predominante na fala, com 393 ocorrências, representando 51,8% dos dados de enunciados conclusivos na amostra Censo 2000. Representando boa parte da outra metade dos dados atestados nessa amostra, está o conector *aí*, com 327 ocorrências, ou seja 43,1% dos dados de relações conclusivas. Juntas, as formas *aí* e *então* somam quase 97% das ocorrências de instanciação da relação conclusiva. Com menos de 5% das ocorrências está o conector *por isso*, com 36 ocorrências. O conector *portanto*, com apenas duas ocorrências, é raro na amostra de fala considerada. Dessa forma, decidimos excluí-lo da análise quantitativa, considerando, antes de mais nada, o uso de *então*, *aí* e *por isso*. Nos textos jornalísticos, *portanto* constitui claramente o conector mais frequente, com um índice de ocorrência que corresponde a mais da metade (54%) dos dados.

Essa distribuição corrobora tendências já atestadas em outros estudos voltados para a modalidade falada. Assim, por exemplo, Antunes (2014), em estudo dos conectores

conclusivos *então*, *aí* e *por isso* na Amostra Censo 1980 encontrou uma distribuição semelhante. Em um total de 431 dados, o conector *então* aparece em 235 dos casos, representando 54% do total de dados. O conector *aí* apresentou o total de 79 casos, ou seja, 18% do total dos dados. A forma *por isso* ocorreu em 63 casos, correspondendo a 14% do total de dados.

Em um estudo diacrônico do uso do conector *então* em relação aos conectores *logo*, *portanto* e *por isso*, nos séculos XIII, XIV, XV e XVI, Floret (2022) mostra que, no período arcaico do português, o conector *então* é o que mais ocorre nas relações conclusivas, somando 35 de um total de 72 ocorrências dos conectores em foco.

Uma das expectativas iniciais era a de que *portanto* não apareceria ou ocorreria com baixa frequência, tanto na fala como na escrita. Segundo os resultados da tabela 1, confirma-se nossa expectativa no que se refere à modalidade falada. Como destacamos acima, o uso de *portanto* é extremamente raro na amostra de fala semi-informal utilizada neste estudo. O que não é surpreendente, se levarmos em conta que o uso de *portanto* vem diminuindo ao longo do tempo assim como ocorreu com o conector *logo*. Floret (2022, p.68) mostra que, já nos séculos XVII e XVIII, não foi atestada nenhuma ocorrência desse conector numa relação conclusiva. Ainda de acordo com a autora, apesar de ter ocorrido no século XIX, verifica-se nova queda de *portanto* no século XX, (cf. Floret op.cit, p.68). Considerando essas indicações, concentraremos a análise multivariacional nas formas *aí*, *então* e *por isso*, na amostra de língua falada.

Há evidências, portanto, de que, na modalidade oral, dois conectores predominam na expressão de conclusão. As formas *aí* e *então* somam quase 97% dos dados. Com menos de 5% das ocorrências está o conector *por isso*, com 36 ocorrências.

Ao analisar as ocorrências dos conectores em foco na modalidade escrita, observamos dados bastante diferentes. A forma *portanto*, que ocorreu apenas duas vezes na amostra de fala, é recorrente na amostra de escrita, com 54% das ocorrências, claramente superior aos das outras formas de conectores conclusivos estudados. Desse modo, há sinais de que *portanto* caminha para um desuso na fala, enquanto se mantém predominante na escrita. Faz-se necessário destacar que o elevado número de ocorrências do *portanto* na escrita pode ser devido às características particulares dessa amostra, constituída de textos jornalísticos.

O conector *então*, que predomina na amostra de fala, correspondendo a um pouco mais de 50% das ocorrências, ocorre de forma um pouco mais significativa, também na

amostra de escrita, representando 25% das ocorrências. Há indicações, portanto, de que *então* é um conector conclusivo utilizado com frequência em ambas as modalidades.

O conector *por isso* também apresenta uma diferença quantitativa importante entre fala e escrita. Correspondendo a apenas 4,7% de ocorrências na fala, o conector *por isso* representa mais do triplo das ocorrências quando analisamos os dados da modalidade escrita, com 15,3% de frequência. Parece haver, portanto, uma tendência de permanência desse conector principalmente na modalidade escrita.

No que se refere ao conector *ai*, esperávamos que esse conector realmente ocorresse com bastante frequência na fala, mas fosse pouco utilizado na escrita, com uma possível tendência ao desuso dessa forma nessa modalidade da língua. Obtivemos o resultado esperado, qual seja, maior frequência na fala, correspondendo a 43,1% das ocorrências atestadas na Amostra Censo 2000 e apenas 5,60% na amostra de escrita.

O objetivo central deste estudo é comparar o uso dos conectores conclusivos na fala e na escrita, identificando os fatores que motivam a ocorrência de cada uma dessas formas de conclusão. Como já destacado no capítulo 4, é considerado o efeito tanto de variáveis linguísticas como sociais.

Um aspecto importante a considerar no uso dos elementos em foco é a relação semântica que se instaura entre o segmento introduzido pelo conector e aquele com que ele se liga. Conforme destacado, os conectores objetos deste estudo apresentam valor semântico de conclusão ou de causa. Faz-se necessário abordar os dois tipos de relações semânticas que esses conectores podem apresentar. A relação de conclusão se estabelece a partir da consideração de argumentos ou premissas explicitadas no discurso precedente (condição suficiente), com base em um raciocínio inferencial, enquanto na relação de causa há uma condição necessária que serve de causa (ou ponto de partida) para determinada consequência. O exemplo (43) ilustra essa possibilidade.

(43) Entrevistador: Ou é mais pra fazer prova?

Entrevistado: Prepara muito mais, muito muito mais, mas muito mais.

Entrevistador: Por quê? Eles dão ênfase a que assim?

Entrevistado: Porque se... Que é claro que a matemática dos... tudo nos Estados Unidos é MUITO mais MUITO mais muito, DEZ mil vezes mais difícil do que aqui. ***Então se eu fizer uma coisa MUITO mais MUITO mais muito difícil*** do que aqui, eu já vou saber a prova de Vestibular aqui, entendeu? (Amostra Censo 2000, falante 1)

No exemplo (43), o conector *então* apresenta valor semântico de conclusão. O fato de o estudo ser muito mais difícil nos Estados Unidos do que no Brasil é condição suficiente para o falante concluir que, estudando nos Estados Unidos, conseguiria bom resultado em provas realizadas no Brasil.

O exemplo (44) ilustra a relação de causa.

(44) Entrevistador: Hum-hum. Mas é seus pais seu pai era carioca e sua mãe... “era” mineira. Mineira, não é isso?

Entrevistado: Mineira.

Entrevistador: E ela veio pra cá... Explica aí como é que foi isso.

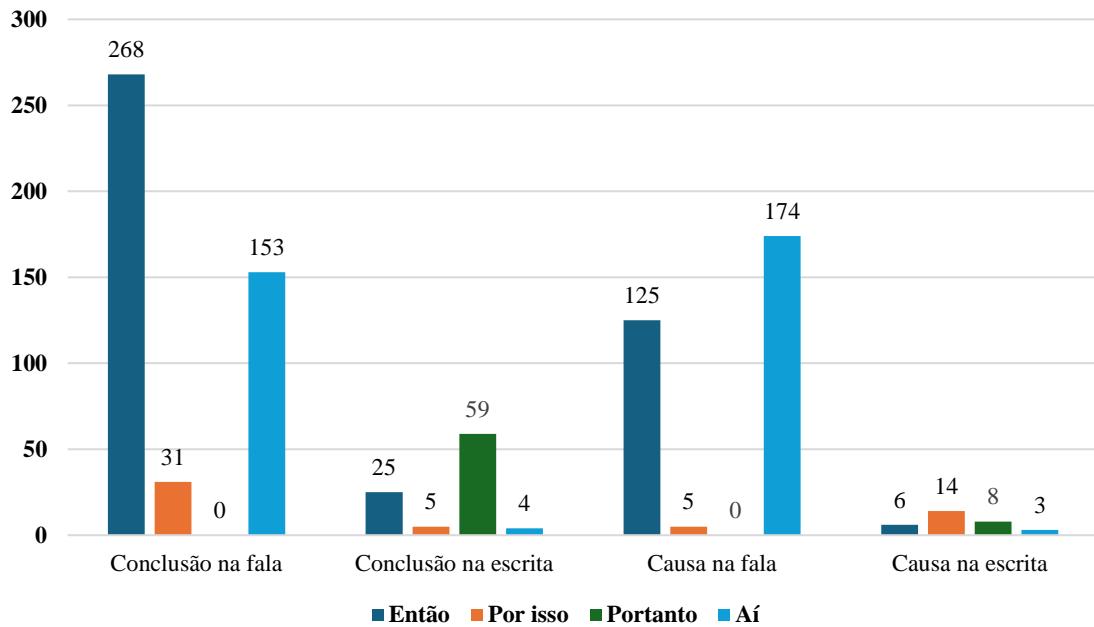
Entrevistado: Ela veio pra cá, ficou morando com a minha avó, começou a trabalhar... Começou a desenvolver... a estrutura dela. Porque realmente ela não era aquela pessoa... “entendeu?” não era aquela pessoa que... agradava um homem. **Então** ela **começou a se (“tratar”)**; começou a andar direitinho; começou a andar bonita. Aí... aí meu pai foi nisso que meu pai foi e se interessou por ela e casou com ela e gerou nós dois. (Amostra Censo 2000, falante 5)

No exemplo (44), a mulher não agradar um homem é tomada como a causa (condição necessária) para uma série de mudanças que ocorreram no comportamento da mulher, como se cuidar e andar bonita.

No capítulo 4, avançamos a hipótese inicial de que os conectores estudados podem alternar na expressão tanto da relação de conclusão quanto da relação de causa.

Para verificar o efeito do tipo de relação semântica sobre o uso dos conectores conclusivos procedemos a uma análise multivariacional. A figura 1 mostra os resultados dessa análise. Os resultados para os dados levantados, apresentados na figura 1 fornecem indicações de que, os conectores em foco podem alternar na expressão de conclusão e de causa.

Figura 4 - Comparaçāo das ocorrēncias de evidēncia-conclusāo e causa-consequēncia causa na fala e na escrita



Na figura 4 vê-se claramente que o tipo de relação semântica opera de forma diferenciada sobre o uso das formas *aí*, *por isso*, *então* e *portanto*.

Na fala, nas sequências em que se estabelece uma relação de evidência/conclusão, o conector *então*, predomina, com 268 ocorrências diante de 184 ocorrências do conector *por isso* e do conector *aí* somados. Quando consideramos a relação causa/consequência, a frequência do conector *então* se reduz significativamente, apresentando um total de 125 ocorrências, e o conector que predomina é o *aí*, com 174 ocorrências.

Na escrita, predomina o conector *portanto*, com 59 ocorrências, na relação de evidência/conclusão. Na relação de causa/consequência, predomina o conector *por isso*, com 14 ocorrências. Desse modo, nossa hipótese de que o conector *então* predominaria na relação de conclusão em ambas as modalidades de língua não foi confirmada.

Como já destacado no capítulo 3, os conectores podem fazer a ligação entre segmentos discursivos distintos como orações, períodos complexos, ou mesmo parágrafos ou segmentos textuais maiores.

Uma outra variável selecionada na análise multivariacional é a sequência discursiva em que o conector está inserido. De forma geral, os textos são compostos de variadas sequências discursivas, como o que ocorre em uma mesma entrevista, o que torna necessário analisar com cautela o trecho no qual o conector estudado ocorre. Os conectores focalizados neste estudo podem ocorrer em uma sequência narrativa, descritiva, argumentativa ou expositiva, como mostramos a seguir.

A sequência narrativa é aquela que expõe eventos e ações, reais ou imaginários, compostas, predominantemente, por formas verbais de passado e tendem a tratar de experiências vividas no mundo concreto. O exemplo (45) ilustra a ocorrência de *aí* numa sequência narrativa.

(45) Entrevistador: E vocês lancham também? Ah, sim, no McDonald's, não é? Que mais? Vocês vão normalmente o quê? Tipo à tarde?

Entrevistado: Seis, cinco horas, sete. Aí quando [eu]...eu já fui uma vez de dez às onze, meia noite assim, mas aí eu fui com o pai da minha amiga comigo assim o pai da minha amiga e a minha amiga e eu, mas só que sem ninguém assim nunca vou, só vou com os meus amigos mais uma mãe, entendeu? ***Aí eu passo de meia noite***, mas eu ia dormir na casa dela, não ia? entendeu? essas coisas... (Amostra Censo 2000, falante 1)

No exemplo (45) temos uma sequência narrativa porque se trata de um evento real da vida do falante, que explica como ocorre quando vai lanchar no McDonald's. O conector *aí* é utilizado de modo que uma série de acontecimentos fiquem em sequência e interligados.

As sequências argumentativas envolvem procedimentos de tomada de posição do autor a partir de premissas previamente assumidas e tendem a apresentar expressões modalizadoras que evidenciam a opinião/atitude de quem fala. No exemplo (46), a seguir, observamos uma sequência argumentativa em que há uma tomada de posição por parte do falante quanto à correção da maneira de falar de diferentes lugares, levando esse falante à conclusão de que seria inviável uma conclusão precisa sobre o assunto expressa na oração introduzida por *aí*.

(46) Entrevistador: Você acha que quem fala certo, quem fala melhor, o carioca, o paulista, o mineiro?

Entrevistado: Ah...em cada parte...por exemplo aqui: -aqui a gente a gente somos melhor, lá em outros lugares eles são melhor, ***aí não tem como dizer, né?*** Não tem como dizer direito. (Amostra Censo 2000, falante 3)

A sequência expositiva, por sua vez, tem como objetivo informar e explicar um tema de maneira clara e objetiva, envolve proposições relacionadas de forma lógica e imparcial, como no exemplo 47.

No exemplo (47), o falante apresenta uma explicação de forma lógica e imparcial da razão que explica o fato de o Brasil ter ganhado um maior número de medalhas. O falante explica que *ocorreu um caso de doping* e que, por esse motivo *o Brasil tomou a frente do país em questão*.

(47) Entrevistador: Mas assim, você soube que o Brasil ganhou algumas medalhas.

Entrevistado: Eu soube. Acho que ficou em quarto lugar, né?

Entrevistador: É.

Entrevistado: teve um: país lá que estava com: Doping, né? tinha um jogador que estava com doping.

Entrevistador: É?

Entrevistado: É. Um time. **Aí o Brasil tomou a frente dele.** (Amostra Censo 2000, falante 3)

A sequência descritiva por sua vez, é aquela que caracteriza um evento, um indivíduo ou um objeto, e costuma servir de pano de fundo para explicar ou comentar uma situação, como no exemplo (48).

(48) Entrevistador: Como é que foi? A que horas vocês saíram daqui, como foi a competição?

Entrevistado: Marcaram às cinco horas da manhã na escola. A competição começaria oito e meia. **Aí a gente ficou lá em concentração até chegar a hora que a escola ia entrar em julgamento.** No caso, a banda, né? (Amostra Censo 2000, falante 2).

No exemplo (48), é construída uma sequência descritiva que retrata uma situação, competição que seria realizada às oito e meia, para servir de base à justificativa de os alunos permanecerem na escola até a banda entrar para se apresentar.

A distinção entre uma sequência descritiva e uma sequência expositiva nem sempre é fácil de definir.

Na tabela 2, abaixo, apresentamos os resultados para o grupo de fatores sequência discursiva na fala, considerando os usos de *então*, *aí* e *por isso*, como já explicitado no início deste capítulo. Na tabela 2, apresentamos os dados obtidos para a escrita, destacando as similaridades entre as duas modalidades.

Tabela 2 - Distribuição dos conectores conclusivos por sequência discursiva na modalidade falada

TIPO DE SEQUÊNCIA	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Aí</i>
<b>Descritiva</b>	$82/212 = 38,7\%$	$11/212 = 5,2\%$	$119/212 = 56,1\%$
<b>Argumentativa</b>	$211/270 = 78,1\%$	$13/270 = 4,8\%$	$46/270 = 17\%$
<b>Narrativa</b>	$76/223 = 34,1\%$	$8/223 = 3,6 \%$	$139/223 = 62,3\%$
<b>Expositiva</b>	$24/51 = 47,1\%$	$4/51 = 7,8\%$	$23/51 = 45,1\%$
<b>TOTAL</b>	$393/756 = 52\%$	$36/756 = 4,8\%$	$327/756 = 43,3\%$

Uma das hipóteses iniciais era a de que o conector *aí* seria predominante nas sequências narrativas, como previsto, por exemplo, por Antunes (2014) o que foi confirmado em relação à fala. Com base na tabela 2, o conector *aí* predomina nas sequências narrativas (62,3%) e desritivas (56,1%) e o que representa mais da metade das ocorrências de conectores conclusivos.

Nas sequências argumentativas e expositivas, predomina o conector *então*. Nas argumentativas, o conector *então* representou quase 80% das ocorrências, ou seja, 211 dos 270 casos. O conector *por isso* teve maior número de ocorrências nas sequências argumentativas e ocorreu menos nas expositivas.

A distribuição dos conectores *então*, *aí*, *por isso* e *portanto* em correlação com a variável sequência discursiva nos textos escritos é bastante diferenciada da observada para a fala, como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição dos conectores conclusivos por sequência discursiva na modalidade escrita

TIPO DE SEQUÊNCIA	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Aí</i>
<b>Descriptiva</b>	$1/4 = 25\%$	$0/4 = 0\%$	$3/4 = 75\%$	$0/4 = 0\%$
<b>Argumentativa</b>	$18/76 = 23,7\%$	$8/76 = 10,5\%$	$45/76 = 59,2\%$	$5/76 = 6,6\%$
<b>Narrativa</b>	$6/19 = 31,6\%$	$5/19 = 26,3\%$	$7/19 = 38,6\%$	$1/19 = 5,3\%$
<b>Expositiva</b>	$6/25 = 24\%$	$6/25 = 24\%$	$12/25 = 48\%$	$1/25 = 4\%$
<b>TOTAL</b>	$31/124 = 25\%$	$19/124 = 15,3\%$	$67/124 = 54\%$	$7/124 = 5,6\%$

A tabela 3 apresenta resultados de cada um dos quatro conectores estudados de acordo com o tipo de segmento discursivo em que ocorrem na escrita. Observa-se que em todas as sequências discursivas o conector *portanto* predomina. É necessário destacar, no entanto, que o uso de *portanto* é muito mais expressivo em sequências descriptivas (75%) e menos frequente em sequências narrativas. Nesse mesmo tipo de sequência, as formas *aí* e *por isso* não ocorreram.

Nas sequências argumentativas, apesar de o conector *portanto* predominar com pouco mais de 59% dos casos, o conector *então* ocorre de forma um pouco mais relevante, com quase 24% das ocorrências.

Nas sequências narrativas, o uso dos conectores conclusivos apresenta maior equilíbrio. Embora o conector *portanto* se destaque, com um pouco mais de 38% das ocorrências, o índice para o conector *então* é bastante expressivo, correspondendo a mais de 31% dos casos. O conector *por isso*, por sua vez, apresenta pouco mais de 26%.

Nas sequências expositivas, ainda que a ocorrência do conector *portanto* corresponda a quase metade dos casos (48%). Os conectores *então* e *por isso* aparecem de forma significativa, cada um com 24% das ocorrências. Faz-se necessário destacar que, apesar de ocorrer com baixos índices, há casos do conector *aí* nas sequências argumentativas, narrativas e expositivas. Outro aspecto que merece destaque, é que o conector *por isso*, que não ocorre em sequências descriptivas, representa cerca de 10% dos casos nas sequências argumentativas e por volta de um quarto dos casos quando se trata de sequências narrativas e expositivas.

Considerando os resultados para o fator sequência discursiva, alguns aspectos importantes merecem destaque. Constatou-se que o conector *ai* ocorre com altos índices na amostra de fala e de forma bastante modesta, na escrita. O conector *então* que é bastante recorrente nos quatro tipos de sequência discursiva quando abordamos a fala, embora predominando nas sequências argumentativas e expositivas, permanece com números de ocorrências bastante relevante nesses dois tipos de sequências na escrita, representando quase um quarto de cada uma delas. Na modalidade falada, o conector *por isso* segue caminho contrário ao do conector *ai*, pois essa forma é de baixa ocorrência nas quatro sequências discursivas, na modalidade falada. Apresenta, no entanto, um aumento considerável nas sequências argumentativas (10,5%) e representam cerca de um quarto das ocorrências nas sequências narrativas (26,3%) e expositivas (24%), nos dados de escrita.

Uma outra variável considerada neste estudo é o tipo de segmento textual em que o conector ocorre. Consideramos neste trabalho as ocorrências dos conectores ligando uma oração, duas orações, segmentos maiores ou turnos de fala. Uma das possibilidades levadas em consideração no início deste trabalho foi a ocorrência desses conectores entre parágrafos, mas ocorrências deste tipo foram encontradas apenas na escrita. Os exemplos (49), (50), (51) e (52) apresentam os conectores ligando uma oração, duas orações, segmentos maiores e entre turnos, respectivamente.

(49) Entrevistador: É. Como é que é. O que acontece na igreja, como é que são as coisas?

Entrevistado: É, a igreja tem várias coisas, tem várias coisas na igreja, que a gente vai se confessar, vai, como é que se diz? , esfriar a cabeça, né? E é bom também a gente frequentar a igreja pra aliviar os problemas de casa. Às vezes, você tá com um problema, né? tá aborrecido, às vezes, tu vai na igreja, reza e conversa ... com as pessoas que tão por lá, com as catequistas, né? então fica um ambiente muito bom, ***ai você num instante fica aliviado também, né?*** (Amostra Censo 2000, falante 20)

(50) Entrevistador: Quais são os defeitos que você acha?

Entrevistado: Tipo ela...porque eu sou magra e ela é gorda e ***ela fica com inveja de mim por isso*** ela quando eu vou na casa dela ***ela me enche de comida***. A outra, a de Ipanema, não aqui embaixo. Aí ela porque eu estou com o nariz bonito ela

tem...ela tem, entendeu? ela faz, ela compete assim, aí ...Entendeu? eu não gosto, assim, aí é ruim. (Amostra Censo 2000, falante 1)

(51) Entrevistador: Mas por exemplo, em Ipanema é bem diferente daqui né?

Entrevistado: Eu acho.

Entrevistador: Pois é, como é que você compararia as duas... os dois bairros?

Entrevistado: **Aqui eu posso andar assim no meio do nada com meu irmão assim quando venho aqui e lá não... Tinha que ficar no meu quarto, na minha casa e não dava assim porque o meu quarto era muito pequeno porque eu nasci lá entendeu? Fiquei dez anos lá... aí entendeu, aí não dava.** (Amostra Censo 2000, falante 1)

(52) Entrevistado: Ele fez alguma arte?

Entrevistado: Não, é porque ele fica mandando os outro tomar em tudo quanto é lugar, xinga um monte de palavrão. Depois ele fica andando só com moleque grande. E fica jogando flipe ali na frente. Direto, direto, direto (se dirigindo ao seu irmão), a Viviane não está aí hoje não?

Irmão do entrevistado: Na escola.

Entrevistado: Ah! **Por isso que você tá aqui** porque a garota lá, filha da dona do lugar que tem flipe sempre fica, ele compra uma ficha. Ela dá um monte! Aí ele fica lá direto, jogando, jogando e não sai de lá. (Amostra Censo 2000, falante 4)

**Os resultados obtidos fornecem evidências positivas à nossa hipótese, como mostra a tabela 4.**

Tabela 4 - Distribuição dos conectores conclusivos de acordo com o tipo de segmento discursivo na modalidade falada

TIPO DE SEGMENTO	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Aí</i>
<b>Duas orações</b>	62/133 = 46,6%	5/133 = 3,8%	66/133 = 49,6%
<b>Uma oração</b>	97/228 = 42,5%	11/228 = 4,8%	120/228 = 52,6%
<b>Entre turnos de fala</b>	0/2 = 0%	2/2 = 100%	0/2 = 0%

<b>Segmentos discursivos maiores</b>	234/393 = 59,5%	18/393 = 4,6%	141/393 = 35,9%
<b>TOTAL</b>	393/756 = 52%	36/756 = 4,8%	327/756 = 43,3%

Com base na tabela 4, que apresenta a distribuição dos conectores por diferentes tipos de segmento na fala, há significativa predominância do conector *então* entre segmentos discursivos maiores, correspondendo a quase 60% dos casos. Esse mesmo conector também ocorre com frequência relevante ligando duas orações, com (46,6%) das ocorrências. Todavia, o conector *ai* é o que predomina na ligação de duas orações (49,6%) e na ligação de apenas uma oração (52,6%). Desse modo, em estruturas mais curtas, pode existir uma tendência maior de o falante utilizar o conector *ai*, ao passo que em estruturas maiores a tendência é utilizarem o conector *então*. O conector *por isso, por sua vez*, predomina ligando segmentos discursivos maiores.

Na tabela 5, observamos a influência do tipo de segmento discursivo no uso de *então, ai, portanto e por isso* na modalidade escrita.

Tabela 5 - Distribuição dos conectores conclusivos de acordo com o tipo de segmento discursivo na modalidade escrita

<b>TIPO DE SEGMENTO</b>	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Ai</i>
<b>Duas orações</b>	5/22 = 22,7%	4/22 = 18,2%	10/22 = 45,5%	3/22 = 13,6%
<b>Uma oração</b>	5/23 = 21,7%	5/23 = 21,7%	12/23 = 52,2%	1/23 = 4,3%
<b>Entre turnos de fala</b>	1/1 = 100%	0/1 = 0%	0/1 = 0%	0/1 = 0%
<b>Segmentos discursivos maiores</b>	18/71 = 25,4%	10/71 = 14,1%	41/71 = 57,7%	2/71 = 2,8%
<b>TOTAL</b>	31/124 = 25%	19/124 = 15,3%	67/124 = 54%	7/124 = 5,6%

Segundo a tabela 5, podem ser percebidas algumas diferenças significativas na modalidade escrita no que diz respeito à correlação dos quatro conectores com tipo de segmento textual. O conector *portanto* predomina tanto na conexão de estruturas mais curtas, uma oração (52,2%) e duas orações (45,5%) quanto nas estruturas de segmentos discursivos maiores (57,7%), como parágrafos, por exemplo. Na fala, como já vimos,

essas estruturas aparecem predominantemente com os conectores *ai* e *então*, respectivamente.

Nossa hipótese de que os conectores conclusivos predominariam na ligação de segmentos com duas orações não foi confirmada. Nas duas modalidades da língua predomina o uso desses elementos para a ligação entre segmentos discursivos maiores.

Um outro fator que motiva a ocorrência de uma ou outra forma de realização da relação conclusiva é a forma verbal que ocorre na oração em que se situa o conector. As formas verbais foram classificadas em ação/evento, movimento, estado, cognitivos e verbos modalizadores, como exemplificado em (52), (53), (54), (55) e (56), respectivamente.

(52) Entrevistador: E vocês saem muito?

Entrevistado: É, de vez em quando a gente vai no Shopping, anda pela rua. O local que eu moro aqui, de vez em quando tem festa, ***ai a gente marca***, vem todo mundo pra cá. Sai bastante. (Amostra Censo 2000, falante 2)

(53) Entrevistador: Me conta assim alguma coisa engraçada que aconteceu na sala, alguma briga de aluno.

Entrevistado: O caso foi o seguinte- A professora de português liberou todos e alguns nomes que estavam na lista dela não poderiam ir para o recreio. Aí, ao mencionar o nome de um indivíduo, o indivíduo não gostou, mandou a professora ir para aquele lugar. ***Aí, a professora levou à diretoria e ele foi expulso.*** (Amostra Censo 2000, falante 2)

(54) Entrevistador: Quais são os defeitos que você acha?

Entrevistado: Tipo ela...porque eu sou magra e ela é gorda e ela fica com inveja de mim por isso ela quando eu vou na casa dela ela me enche de comida. risos e A outra, a de Ipanema, não aqui embaixo. Aí ela [porque].... porque eu estou com o nariz bonito ela tem...ela tem, entendeu? ela faz, ela compete assim, aí ... Entendeu? eu não gosto, assim, ***ai é ruim.*** (Amostra Censo 2000, falante 1)

(55) Entrevistador: E teve algum que você pensou "poxa, interessante" assim, "não sabia disso"?

Entrevistado: Teve.

Entrevistador: Tipo o quê?

Entrevistado: Ah não lembro assim de uma coisa duma baleia lá, fazia um troço lá, assim essas coisas de baleia de fundo do mar que eu gosto mais, né? Meu pai me ensina mais porque ele já foi oficial da marinha, ele já foi plantou umas coisas no mar aí, é maremoto no mar, entendeu? Essas coisas, **aí eu prefiro isso assim ou também de animal assim eu gosto mais eu acho meio fofinho** (Amostra Censo 2000, falante 1)

(56) Entrevistador: Tem muitas pessoas? Descreve o lugar para mim? Onde que fica e como é que, assim, ao baile?

Entrevistado: Fica na Praça Seca. É tipo “Dance”, danceteria, **aí não pode ter briga se não assim bota para fora**. Tem lambaeróbica, tem pagode. (Amostra Censo 2000, falante 4)

Tabela 6 - Distribuição dos conectores por tipo de verbo na modalidade falada

FORMA VERBAL	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Aí</i>
<b>Ação/evento</b>	$190/444 = 42,8\%$	$17/444 = 3,8\%$	$237/444 = 53,4\%$
<b>Movimento</b>	$16/39 = 41\%$	$2/39 = 5,1\%$	$21/39 = 53,8\%$
<b>Cognitivos</b>	$35/55 = 63,6\%$	$5/55 = 9,1\%$	$15/55 = 27,3\%$
<b>Estado</b>	$104/157 = 66,2\%$	$11/157 = 7\%$	$42/157 = 26,8\%$
<b>Modalizadores</b>	$48/61 = 78,7\%$	$1/61 = 1,6\%$	$12/61 = 19,7\%$
<b>TOTAL</b>	$393/756 = 52\%$	$36/756 = 4,8\%$	$327/756 = 43,3\%$

Na tabela 6, que apresenta os resultados da amostra de fala, evidencia-se que o conector *aí* ocorre predominantemente acompanhado de verbos de ação/evento ou com verbos de movimento. Por outro lado, em orações com verbos cognitivos, de estado e modalizadores, a predominância é do conector *então*. Faz-se necessário destacar que as ocorrências do conector *então* nas estruturas com verbos modalizadores se aproximam de 80%. Como as estruturas modalizadoras apresentam uma opinião, os falantes, ao buscarem expressar suas opiniões, tendem a utilizar o conector conclusivo *então*. Além disso, destacamos que o conector *por isso* teve seu maior índice de ocorrência em orações

com verbos cognitivos. Mais abaixo, destacamos que há, na fala, uma distribuição complementar entre *então* e *ai*: verbos não dinâmicos (para *então*) x dinâmicos (para *ai*).

A correlação entre os conectores e o tipo de verbo da oração na modalidade escrita é bastante distinta, como mostram os resultados da tabela 7.

Tabela 7 - Distribuição dos conectores por tipo de verbo na modalidade escrita

FORMA VERBAL	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Aí</i>
<b>Ação/evento</b>	18/54 = 33,3%	8/54 = 14,8%	25/54 = 46,3%	3/54 = 3%
<b>Movimento</b>	3/8 = 37,5%	0/8 = 0%	3/8 = 37,5%	2/8 = 25%
<b>Cognitivos</b>	3/12 = 25%	4/12 = 33,3%	5/12 = 41,7%	0/12 = 0%
<b>Estado</b>	7/50 = 14%	7/50 = 14%	34/50 = 68%	2/50 = 4%
<b>Modalizadores</b>	0/0 = 0%	0/0 = 0%	0/0 = 0%	0/0 = 0%
<b>TOTAL</b>	31/124 = 25%	19/124 = 15,3%	67/124 = 54%	7/124 = 5,6%

Como já se destacou em vários pontos, na modalidade escrita, o conector *portanto* é dominante. Segundo os resultados da tabela 7, este conector é indiferente ao tipo de verbo da oração em que se situa, predominando com quase todos eles, exceto com os verbos de movimento, que obtiveram o mesmo número de ocorrências do conector *portanto*. Destaca-se a ausência de *portanto* em orações com verbos modalizadores. Também merece destaque o fato de que o conector *ai* não ocorreu uma única vez na presença de verbos cognitivos.

Um outro fator relevante no uso dos conectores considerados é a presença de um elemento modalizador no enunciado. A modalização do discurso é uma estratégia argumentativa que permite ao locutor expressar o seu ponto de vista, sua opinião ou avaliação sobre o conteúdo da sua enunciação. Trata-se de estruturas com elementos como *talvez*, *pode ser*, *é possível*, dentre outras. A hipótese inicial era a de que a modalização ocorresse com baixa frequência em ambas modalidades da língua, porém com maior número de casos na fala. No caso da escrita, a expectativa era a de que a modalização ocorresse mais no caso dos artigos de opinião.

O exemplo (57) apresenta uma das possíveis estruturas com a presença do modalizador *talvez*, imediatamente após o conector conclusivo *então*.

(57) Entrevistado: Ela não roubaria tanto? Eu acho difícil, eu acho que o poder, a facilidade de dinheirinho na mão, eu acho que todos... qualquer um que passar lá vai roubar, eu acho, entendeu? Agora eu acho que talvez ela no jeitinho da mulher vai ter mais cabecinha no lugar de não aceitar muitas coisas, eu acho. Que dizem que a mulher mesmo manda mais do que o homem, né? ***então talvez ela... alguma mulher no poder fosse melhor.*** (Amostra Censo 2000, falante 22)

Tabela 8 - Ausência ou presença de modalização no segmento introduzido pelo conector em ambas as modalidades

		<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Aí</i>
<b>F A L A</b>	Ausência	313/612 = 51,1%	31/612 = 5,1%	-	268/612 = 43,8%
	Presença	80/144 = 55,6%	5/144 = 3,5%	-	59/144 = 41%
<b>E S C R I T A</b>	Ausência	29/113 = 25,7%	19/113 = 16,8%	59/113 = 52,2%	6/113 = 5,3%
	Presença	2/11 = 18,2%	0/11 = 0%	8/11 = 72,7%	1/11 = 9,1%

Com base na tabela 8, no caso da fala, como esperado na nossa hipótese, foram atestados 144 casos com a presença de um modalizador, um número relevante que corresponde a mais da metade (55,6%) das ocorrências do conector *então*. No entanto, o conector *aí* também aparece com alto índice de modalização, representando 41% dos casos.

Na escrita, não obtivemos número relevante de estruturas com presença de modalização. Como já destacamos, nos artigos de opinião, conforme nossa hipótese, ocorreu a maioria dos casos de modalização, como evidencia o exemplo (58) abaixo.

(58) Os jóqueis Marcelo Cardoso de Factual e Carlos Lavor de Natividade, não escondem, as esperanças nas suas conduzidas, *portanto*, é provável até que esta Inexata seja uma opção para quem gosta de fazer a Quinexata, até ontem com

um acumulado milionário. É colocar as duas combinações e apostar uma prata na dupla. (Amostra do Discurso Jornalístico, artigo de opinião)

Dos 11 casos de modalização na escrita, 8 deles ocorrem com o marcador conclusivo *portanto*.

Nossa hipótese inicial era a de que ocorreriam poucos casos de modalizadores acompanhando os conectores conclusivos tanto na fala quanto na escrita. No entanto, isso aconteceu apenas na escrita. Esperávamos que o acréscimo de modalizador ocorreria mais acentuadamente com o conector *então*, o que ocorre apenas na fala. Na modalidade escrita predomina com o conector *portanto*.

Um outro grupo de fatores analisado é a ocorrência de dupla marcação, ou seja, casos em que o falante/escritor utiliza mais de um conector no enunciado conclusivo. A hipótese inicial era a de que o conector *aí*, mais associado à sequenciação, favorecesse essa dupla marcação.

A tabela 9 mostra os resultados relacionados à modalidade oral do português, representada pela Amostra Censo 2000. Os resultados mostram que a ausência de dupla marcação é predominante, independentemente do conector considerado.

Tabela 9 - Ausência ou presença de dupla marcação na modalidade falada

	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Aí</i>
<b>Ausência</b>	$389/745 = 52,2\%$	$34/745 = 4,6\%$	$322/745 = 43,2\%$
<b>Presença</b>	$4/11 = 36,4\%$	$2/11 = 18,2\%$	$5/11 = 45,5\%$

A hipótese inicial de que o conector *aí* favoreceria a dupla marcação foi confirmada, uma vez que esse conector ocorre em 5 dos 11 casos de dupla marcação na fala. Destacamos também que o conector *então* ocorre 4 vezes, índice próximo do conector *aí*. O conector *por isso* ocorre apenas duas vezes com dupla marcação. O conector que aparece fazendo a dupla marcação é o conector *e*, conforme exemplo abaixo:

(59) Entrevistador: Como foi que você entrou para essa banda?

Entrevistado: A banda é da escola. Os outros comentam muito sobre ela, aí um dia eu tive curiosidade pra conhecer *e aí acabei entrando*.

A dupla marcação é ainda mais rara na modalidade escrita, segundo os resultados da tabela 10.

Tabela 10 - Ausência ou presença de dupla marcação na modalidade escrita

	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Aí</i>
<b>Ausência</b>	31/122 = 25,4%	19/122 = 15,6%	65/122 = 53,3%	7/122 = 5,7%
<b>Presença</b>	0/2 = 0%	0/2 = 0%	2/2 = 100%	0/2 = 0%

Na modalidade escrita, dos 124 casos, apenas dois apresentaram dupla marcação, com o conector *portanto*, perfazendo apenas 1,6% dos casos e 3% do uso do *portanto*. Logo, não foram encontradas duplas marcações nos dados iniciados pelos conectores *então*, *por isso* e *aí* na modalidade escrita.

Passamos à análise do tipo de texto em que os conectores estudados ocorrem, uma variável que, obviamente, se aplica apenas à amostra de escrita. Os textos jornalísticos são textos veiculados pelos jornais e revistas, os quais têm o intuito de comunicar e informar sobre algo. No texto jornalístico adotamos a divisão em artigos de opinião, cartas, crônicas, notas de coluna social e notícias/reportagens utilizada na organização da amostra de escrita. Essa classificação foi utilizada como um grupo de fatores, visto que, até certo ponto, ela representa um *continuum* de formalidade. As notas de coluna social foram excluídas da análise dos dados, uma vez que as formas focalizadas neste estudo não ocorreram nesse tipo de texto. Nos textos analisados foram identificadas 124 ocorrências dos conectores conclusivos estudados nesta tese, como mostra a tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição dos conectores na modalidade escrita por tipo de texto

<b>TIPO DE TEXTO</b>	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Aí</i>
Artigo de opinião	9/47 = 19,1%	5/47 = 10,6%	30/47 = 63,8%	3/47 = 6,4%
Cartas	18/37 = 48,6%	0/37 = 0%	16/37 = 43,2%	3/37 = 8,1%

Crônicas	$4/32 = 12,5\%$	$10/32 = 31,2\%$	$18/32 = 56,2\%$	$0/32 = 0\%$
Notícias/ reportagens	$0/8 = 0\%$	$4/8 = 50\%$	$3/8 = 37,5\%$	$1/8 = 12,5\%$
<b>TOTAL</b>	$31/124 = 25\%$	$19/124 = 19\%$	$67/124 = 67\%$	$7/124 = 5,6\%$

Como se pode observar na tabela 6, esses conectores se distribuem de forma diferenciada nos dados da escrita jornalística. Nos artigos de opinião, há uma tendência a maior recorrência do conector *portanto*, que predomina de modo significativo, representando quase 64% dos casos (30 ocorrências de um total de 47).

Nas cartas, há um equilíbrio entre os conectores *então* e *portanto*, representando 48,6% (18 das 37 ocorrências) e 43,2% (16 das 37 ocorrências) dos casos, respectivamente. Destacamos que, apesar de a forma *portanto* apresentar índice significativo nas cartas de leitor, o conector que predominou é *então*.

Também no caso das crônicas, há elevada predominância do conector *portanto*, representando 56,2% (18 de 32 ocorrências) dos casos. Podemos destacar também o fato de que nas crônicas jornalísticas, não houve uma única ocorrência com o conector *ai*. Nas notícias/reportagens predomina o conector *por isso*, com 50% (4 de 8 ocorrências) dos casos. No entanto, vale destacar que com índice muito próximo, 37,5% (3 de 8 ocorrências), ocorre o conector *portanto*.

## 5.2 - Variáveis sociais

As variáveis sociais são de extrema relevância para a compreensão dos fenômenos de variação linguística. São muitos os estudos que correlacionam, por exemplo, as variáveis sexo/gênero, idade e escolaridade (entre outras) a fenômenos variáveis na fala e na escrita. Desse modo, surgem algumas questões como: (a) o grau alto de escolarização concorre para um comportamento linguístico distinto? (b) o gênero feminino é mais conservador do ponto de vista da norma? (c) há uma relação entre estigmatização sociolinguística, *status* e mobilidade social? (d) qual o impacto da mídia sobre a variação linguística? Evidentemente, a resposta a essas questões exige análises de percepção e avaliação, que não constituem objeto de análise deste estudo.

A maioria, ou mesmo quase todos os estudos variacionistas analisam o efeito da variável gênero/sexo na variação na fala e na escrita tem mostrado o papel relevante das mulheres no processo de propagação de variantes linguísticas e na manutenção de formas

linguísticas mais prestigiadas. Com base na proposta clássica (Labov, 1972), partimos da hipótese de que as mulheres usariam preferencialmente o conector *então*, variante mais prestigiada na escrita semi-formal. O que pode influenciar o uso desses elementos é o fato de eles serem listados ou não nas gramáticas e manuais escolares e constituírem objeto de estudo.

A análise de conversações espontâneas tem permitido mostrar diferenças significativas na forma como homens e mulheres conduzem a interação verbal. Enquanto os homens tendem a manifestar um estilo mais independente e uma postura que garanta seu prestígio, as mulheres guiam sua conversação de uma forma que busca o envolvimento do seu interlocutor. Nesse sentido, destaca Holmes (1995, apud Dias, 2005, n.p.) que, a maioria das mulheres vê a fala como um importante meio de permanecer em contato, principalmente com os amigos e as pessoas íntimas. Elas usam a linguagem para estabelecer, manter e desenvolver as relações pessoais. Enquanto isso, os homens, tendem a ver a linguagem mais como uma ferramenta para obter e transmitir informações.

De acordo com a análise multivariada dos dados de fala, as três variáveis (sexo, idade e escolaridade) foram selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes. No que se refere à variável sexo/gênero, nossa hipótese inicial foi a de que o conector *então* predominaria na fala dos homens, enquanto a forma *ai* predominaria no discurso das mulheres, confirmando o que já foi constatado por Antunes (2014, p.83). Como se pode observar na tabela 12, a seguir, os usos de *então* e de *ai* são fortemente influenciados pelo sexo/gênero do falante.

Tabela 12 - Efeito da variável gênero sobre o uso dos conectores

GÊNERO	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Ai</i>
<b>Feminino</b>	196/435 = 45,1%	24/435 = 5,5%	215/435 = 49,4%
<b>Masculino</b>	197/321 = 61,4%	12/321 = 3,7%	112/321 = 34,9%
<b>TOTAL</b>	393/756 = 52%	36/756 = 4,8%	327/756 = 43,3%

A tabela 12 mostra que, no geral, o uso de conectores conclusivos por parte das mulheres é superior ao dos homens. Entre as mulheres constata-se um total de 435 ocorrências dos conectores conclusivos focalizados, enquanto os homens produziram um total de 321 conectores conclusivos. Outro aspecto importante é o de que o uso do *então*

é significativamente mais recorrente entre os falantes do gênero masculino (61,4%), enquanto o gênero feminino faz recurso ao conector *então* com uma frequência de 45,1%. A diferença é significativa e pode ser atribuída ao grande uso do conector *ai* por parte das mulheres, com 113 ocorrências a mais do que os homens. As mulheres utilizaram o conector *ai* em (49,4%) dos casos. Enquanto isso, os homens utilizaram esse mesmo conector próximo da metade de vezes em relação às mulheres (34,9%). Portanto, os resultados fornecem evidência para nossa hipótese inicial de que os homens utilizariam mais o *então* e as mulheres, mais o conector *ai*.

O conector *então*, no caso da modalidade falada, apresenta número muito próximo de ocorrências por parte de homens e mulheres, isto é, 197 e 196, respectivamente. Por outro lado, o conector *por isso* ocorre o dobro de vezes na fala das mulheres em relação aos homens. Além disso, as mulheres tendem a utilizar mais o conector *ai*.

Segundo Antunes (2014), a variável gênero pode interagir com a variável idade, instalando um quadro de variação mais complexo. O autor mostra que homens adultos utilizam a forma *então* em 82% dos casos e os idosos utilizam esse mesmo conector em 75% das ocorrências. Esse uso é bem maior do que o das mulheres adultas e idosas. As mulheres adultas utilizaram o conector *então* em 55% dos casos, ao passo que as mulheres idosas lançaram mão desse mesmo conector em 51% dos casos.

Os estudos sobre o efeito da variável faixa etária sobre fenômenos variáveis buscam identificar a natureza da variação (mudança ou variação estável) e a forma como pressões sociais podem operar sobre o indivíduo para ajustar seu uso linguístico aos diferentes momentos da sua vida. Pode haver diferenças importantes entre a linguagem dos idosos, dos adolescentes e das crianças, mostrando diversidade de acordo com a faixa etária dos falantes da mesma na mesma região e da mesma cultura. Na amostra de fala analisada, o efeito da variável idade sobre o uso dos conectores estudados é relevante, como mostram os resultados da tabela 13.

Tabela 13 - Efeito da variável idade sobre o uso dos conectores na fala

<b>FAIXA DE IDADE</b>	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Ai</i>
<b>Faixa 7 a 14 anos</b>	2/65 = 3,1%	2/65 = 3,1%	61/65 = 93,8%
<b>Faixa 15 a 25 anos</b>	60/177 = 33,9%	13/177 = 7,3%	104/177 = 58,8%

<b>Faixa 26 a 49 anos</b>	228/347 = 65,7%	4/347 = 1,2%	115/347 = 33,1%
<b>Faixa acima de 50 anos</b>	103/167 = 61,7%	17/167 = 10,2%	47/167 = 28,1%
<b>TOTAL</b>	393/756 = 52%	36/756 = 4,8%	327/756 = 43,3%

A faixa etária 1, que compreende falantes de 7 a 14 anos, foi a que apresentou menor uso do conector *então*, com apenas 65 ocorrências. A correlação se altera quando consideramos o conector *ai*. No grupo dos mais jovens a frequência de uso do conector *ai* é de 93,8%, com 61 ocorrências num total de 65 ocorrências de conectores conclusivos. Na faixa etária 2, que agrupa falantes entre 15 e 25 anos, obtivemos o segundo maior número de ocorrências de conectores conclusivos, num total de 177. Nessa faixa etária predomina também o uso do conector *ai* de forma significativa, com 104 ocorrências. A faixa etária 3, que abrange falantes entre 26 e 49 anos, apresenta um índice de uso dos conectores conclusivos de forma bastante superior às outras faixas etárias, com um total de 347 ocorrências. Essa faixa etária apresentou grande diferença quantitativa no uso dos conectores em foco. Apesar de também apresentar grande uso do conector *ai*, com 115 ocorrências, predomina a forma *então*, com 228 ocorrências. Na faixa etária 4, o uso do conectar *ai* diminui percentualmente em relação às faixas etárias anteriores, representando apenas 28,1% das ocorrências de conectores conclusivos por esse grupo. Há aumento semelhante do uso do conector *então*, da mesma forma que ocorre na faixa etária 3 (65,7%), com 103 ocorrências (61,7%), em relação às duas primeiras faixas etárias. Podemos dizer, então que há redução no uso do conector *ai* e aumento do uso do conector *então* na medida em que aumenta a faixa etária do falante.

Vale destacar também que, no caso da faixa etária 1, dos 7 aos 14 anos, a escolha pelo conector *então* é claramente muito baixa em relação às outras faixas etárias, com apenas 3,1% das ocorrências. Na faixa etária de 15 a 25 anos, apesar de o índice de uso de *ai* ser de 58,8%, o conector *então* já apresenta frequência de uso próximo de 40%, bastante superior ao índice da faixa etária anterior. Com base nas frequências, podemos dizer que os falantes a partir da faixa 3, isto é, acima de 26 anos de idade, apresentam maior probabilidade de utilizarem o conector *então* do que os conectores *ai* ou *por isso* para a instauração de uma relação conclusiva, uma vez que essa faixa etária apresentou índice de 65,7% para o uso de *então*.

As tendências destacadas acima vão ao encontro dos resultados de Antunes (2014) que também analisa o efeito da faixa etária no uso de *então*. O autor mostra que as pessoas mais velhas utilizam muito mais o conector *então* em comparação com os falantes jovens. Enquanto os jovens utilizam essa forma em 36% dos casos, adultos e idosos a utilizam em 65% e 64% dos casos, respectivamente.

O nível de escolaridade do falante é a terceira variável social selecionada na análise multivariacional. Como mostram os resultados da tabela 14, o uso dos conectores focalizados varia significativamente de acordo com o grau de escolarização do falante.

Tabela 14 - Efeito da variável escolaridade sobre o uso dos conectores na fala

ESCOLARIDADE	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Aí</i>
<b>Fundamental 1</b>	109/296 = 36,8%	25/296 = 8,4%	162/296 = 54,7%
<b>Fundamental 2</b>	138/274 = 50,4%	7/274 = 2,6%	129/274 = 47,1%
<b>Ensino médio</b>	146/186 = 78,5%	4/186 = 2,2%	36/19,4 = 19,4%
<b>TOTAL</b>	393/756 = 52%	36/756 = 4,8%	327/756 = 43,3%

Em relação à escolaridade, a ocorrência do conector *então* aumenta gradativamente de acordo com o nível de instrução do falante. Ao mesmo tempo, quanto maior o grau de escolaridade, menor foi o uso do conector *aí*. Assim, os falantes com ensino médio apresentaram mais do que o dobro de ocorrências desse conector (78,5%) em relação aos falantes com o Fundamental 1. Por sua vez, os falantes com o fundamental 2 também apresentaram maior índice de ocorrências (50,04%) do conector *então* do que as que têm o nível fundamental 1 (36,8%) e menos ocorrências desse mesmo conector se compararmos com as pessoas que têm ensino médio. Essa distribuição confirma o que já foi verificado no trabalho de Antunes (2014), que também constata que o conector *então* ocorre com maior frequência entre falantes com 9 a 11 anos de escolaridade. Ao mesmo tempo, quanto maior o grau de escolaridade, menor o uso do conector *aí*. Desse modo, os dados obtidos confirmaram nossa hipótese de que o grau de escolaridade do falante influencia a escolha do conector.

Braga (2003), em estudo sobre *aí* e *então*, mostra que a expansão de *então* na amostra de 2000 está associada com uma expansão funcional, ou seja, *então* passa a ser

usado com outras funções que a de conector conclusivo. Ele passa a desempenhar funções como um elemento sequencial ou um elemento continuativo, além de conector causal, o que, necessariamente acarreta um aumento geral dessa forma.

Para efeitos de comparação e identificação dos contextos partilhados ou exclusivos de cada uma das formas analisadas, apresentamos, a seguir, um quadro resumitivo geral da modalidade falada e outro da modalidade escrita.

Quadro 2 – Quadro resumitivo dos contextos de cada conector na fala

PROPRIEDADE	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Aí</i>
<b>Relação semântica</b>	+ Conclusão	+ Conclusão	+ Causa
<b>Sequência discursiva</b>	+ Sequência argumentativa	+ Sequência argumentativa	+ Sequência narrativa
<b>Tipo de verbo</b>	+ Ação/evento	+ Ação/evento	+ Ação/evento
<b>Tipo de segmento</b>	+ Segmentos discursivo maiores	+ Segmentos discursivo maiores	+ Segmentos discursivo maiores
<b>Modalização</b>	+ Ausência	+ Ausência	+ Ausência
<b>Dupla marcação</b>	+ Ausência	+ Ausência	+ Ausência
<b>Gênero</b>	+ Masculino	+ Feminino	+ Feminino
<b>Idade</b>	+ Faixa 26 a 49 anos	+ Faixa acima de 50	+ Faixa 26 a 49 anos
<b>Escolaridade</b>	+ Ensino médio	+ Ensino fundamental I	+ Ensino fundamental I

Na sequência, apresentamos o quadro resumitivo referente à modalidade escrita.

Quadro 3 – Quadro resumitivo dos contextos de cada conector na escrita

PROPRIEDADE	<i>Então</i>	<i>Por isso</i>	<i>Portanto</i>	<i>Aí</i>
<b>Relação semântica</b>	+ Conclusão	+ Causa	+ Conclusão	+ Conclusão
<b>Sequência discursiva</b>	+ Sequência argumentativa	+ Sequência argumentativa	+ Sequência argumentativa	+ Sequência argumentativa

<b>Tipo de verbo</b>	+ Ação/evento	+ Ação/evento	+ Estado	+Ação/evento
<b>Tipo de segmento</b>	+ Segmentos discursivos maiores	+ Segmentos discursivos maiores	+ Segmentos discursivos maiores	+ Duas orações
<b>Modalização</b>	+ Ausência	+ Ausência	+ Ausência	+ Ausência
<b>Dupla marcação</b>	+ Ausência	+ Ausência	+ Ausência	+ Ausência
<b>Tipo de texto</b>	+ Cartas	+ Crônicas	+ Artigos de opinião	+ Artigos de opinião e Cartas

Com base nos quadros acima, o conector *então* ocorreu mais com relação de conclusão, em ambas as modalidades da língua. O conector *aí* ocorreu mais com valor de conclusão no caso da fala, porém é mais frequente com sentido de causa na escrita. O conector *aí* ocorreu mais com valor de causa nos dados de fala. Na escrita, predomina com valor de conclusão. Desse modo, podemos concluir que *por isso* e *aí* tem uso expressivo na fala e na escrita, o que permite concluir que a própria modalidade é uma variável atuante no uso dessas formas. A ausência de modalização foi constatada em ambas as modalidades do português.

Em relação à sequência discursiva, dentre os quatro conectores estudados nesta tese, dois deles, *então* e *por isso*, ocorrem predominantemente no mesmo tipo de sequência discursiva, as argumentativas, na fala e na escrita. O conector *aí* apresenta diferença significativa no seu uso na fala e na escrita, ocorrendo mais em sequências narrativas na fala e nas argumentativas na escrita. Portanto, esse conector tem uso distinto a depender da modalidade.

Os conectores *então*, *por isso* e *aí* são mais frequentes com verbos de ação/evento, nas duas modalidades da língua.

Em relação ao tipo de segmento que ligam, o conector *aí* apresenta uso distinto na fala e na escrita. Esse conector predomina ligando segmentos discursivos maiores, no caso da fala, e duas orações, na escrita. A ausência de dupla marcação é predominante sem presença de dupla marcação, em ambas as modalidades.

Considerando as variáveis sociais que se aplicam apenas à modalidade falada, constata-se que os conectores *por isso* e *aí* são mais utilizados pelo gênero feminino. Ainda na modalidade falada, os conectores *então* e *aí* ocorrem mais na faixa etária dos 26

aos 49 anos, havendo indicações de que possam ser mais intersubstituíveis por parte de pessoas dessa faixa etária.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, os conectores *por isso* e *ai* são mais recorrentes nos dados de pessoas com ensino fundamental I.

Faz-se necessário destacar a particularidade do conector *portanto*, atestado predominantemente na escrita. Essa forma apresenta um conjunto de propriedades partilhadas com *então*, no que diz respeito à relação semântica, sequência discursiva, tipo de segmento que liga, modalização e dupla marcação de conector. Por outro lado, na comparação, entre o *portanto* e o *por isso*, diferem quanto à relação semântica, tipo de verbo e tipo de texto. Comparando os conectores *então* e *ai*, constata-se que, basicamente eles só se distinguem quanto ao tipo de verbo e ao tipo de segmento em que são mais recorrentes.

Os conectores estudados podem ser considerados variantes um do outro em diversos contextos, conforme abordado anteriormente, como no tipo de segmento que ligam, já que quase todos eles ligam principalmente segmentos discursivos maiores em estruturas conclusivas.

## 6 - CONCLUSÕES

Ao longo deste estudo, investigamos os usos conclusivos dos conectores *aí*, *então*, *por isso* e *portanto* na modalidade falada do português contemporâneo, representada pelas entrevistas sociolinguísticas que constituem a Amostra Censo 2000, e na modalidade escrita, representada por diversos gêneros textuais jornalísticos publicados em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro. Nosso objetivo central era o de verificar a possibilidade de esses conectores serem intersubstituíveis, ou seja, constituírem variantes para a realização da mesma função.

A partir da análise de dados da fala e da escrita, buscamos evidências para a hipótese de que uma variação no uso dos conectores focalizados é contextualmente determinada, ou seja, motivada por diferentes fatores. Abordamos as diferenças no uso desses elementos de conexão na fala e na escrita, e os fatores linguísticos e sociais que influenciam cada um deles.

Partimos do pressuposto de que a própria modalidade de língua (fala ou escrita) seria provavelmente uma das variáveis mais relevantes, que poderia favorecer ou desfavorecer o uso de determinados conectores. Esperávamos que o conector *aí* predominasse principalmente na modalidade oral. De fato, esse conector ocorre bastante na fala e pouco na escrita.

Confirmando nossas expectativas, o primeiro aspecto que se destacou na análise foi a diferença relevante entre fala e escrita no que diz respeito à forma como os quatro conectores focalizados se distribuem em cada uma das modalidades. Embora todos eles ocorram tanto na fala como na escrita, eles se distinguem claramente no que se refere à sua recorrência. Foi possível constatar que a forma de menor recorrência nos dados da modalidade falada é o conector *portanto*, com apenas dois casos. Numa direção contrária, esse conector predomina na modalidade escrita, como vimos com um índice elevado nos textos jornalísticos tomados como amostra dessa modalidade. Na modalidade falada, predominaram os conectores *então* e *aí*. Poderíamos falar, portanto, numa certa complementariedade entre as duas modalidades.

Uma explicação possível para essa distribuição é a de que, no ensino formal praticado pelas escolas, o conector *portanto* está presente em todas as listas de conectores conclusivos. Para exemplificar a extensão de uso do conector *portanto* na escrita, essa forma é a mais frequente em todos os tipos de sequências discursivas consideradas nesta tese.

O conector *aí* também apresenta índices muito diferentes na fala e na escrita. Esse conector é considerado como tipicamente da fala e sua ocorrência na escrita é pouco comum. Embora *aí* seja muito utilizado na fala, há indicações de que essa forma não constitui a primeira opção do falante, lugar esse ocupado, como vimos, pelo conector *então*. Além disso, embora *aí* tenha ocorrido também nos textos jornalísticos, sua frequência na escrita se limita a apenas sete casos, muito inferior à constatada na modalidade falada. Apesar de o número de ocorrências do conector *aí* ser expressiva na fala, nessa modalidade predomina o conector *então* é o mais recorrente. Como já destacado, o conector predominante na escrita é *portanto*.

O conector *por isso* também apresenta índices diferentes nas duas modalidades. Na modalidade falada esse conector apresenta apenas 36 ocorrências e 19 ocorrências na modalidade escrita. Isso pode indicar que o conector *por isso*, por ser um conector mais recente, ainda em curso de gramaticalização como conector. Uma outra explicação possível é a de que nas amostras analisadas, os contextos mais favoráveis para ocorrer o conector *por isso* sejam escassos. Além disso, é preciso considerar que, de forma diferente dos outros conectores, a construção *por isso* só mais recentemente desenvolveu um valor conclusivo, atuando como um conector.

Um outro objetivo desta tese era verificar se os conectores *então*, *aí*, *por isso* e *portanto* podem alternar entre si e em quais contextos essa alternância seria possível. Constatamos que as diferenças no uso desses conectores não são apenas quantitativas, mas também qualitativas.

Como destacado ao longo do capítulo 5, o uso dos conectores conclusivos em foco não é aleatório, visto que diferentes aspectos semânticos, como o tipo de relação semântica estabelecida entre os segmentos ligados pelo conector ou aspectos discursivos ligados a organização textual podem favorecer/motivar maior recorrência de um ou outro conector.

Um primeiro aspecto a ser destacado é a importância da relação semântica estabelecida por esses conectores, ou seja, evidência- conclusão ou causa-consequência. Os conectores *então* e *aí* instauraram principalmente a relação premissa/conclusão. Na relação causa-consequência, predominaram o conector *aí* na fala e *por isso* na escrita.

Uma variável que mostrou uma influência relevante na escolha entre os conectores estudados por parte dos falantes é o tipo de sequência discursiva na qual o conector se encontra. Contrariando nossa hipótese inicial de que predominam em segmentos menores, já que esse é o tipo de uso mais transmitido e praticado no ensino de um modo geral, a

análise mostrou uma tendência de os conectores estudados serem utilizados predominantemente na ligação com segmentos discursivos maiores, nas duas modalidades, com exceção do conector *ai*, na escrita, que ocorreu mais na ligação de duas orações. Há indicações de que, na ligação entre turnos de fala, predomina o conector *por isso*. No caso da modalidade escrita, o equilíbrio na concorrência entre os conectores estudados foi menor do que na fala, em relação ao tipo de segmento ao qual o conector se liga. Exceto em relação à ligação entre turnos, há uma concorrência entre os conectores *portanto* e *então*, mas a predominância do primeiro é muito grande em relação ao segundo. Verifica-se uma tendência de menos equilíbrio na escolha dentre os conectores estudados quando consideramos a modalidade escrita.

Uma outra motivação discursiva importante diz respeito ao tipo de sequência discursiva em que o conector é produzido. A hipótese avançada de que o conector *ai* predominaria em textos narrativos foi confirmada na modalidade falada. No entanto, o conector *ai* se destaca, principalmente em sequências argumentativas, na escrita. É necessário destacar que a sequência discursiva foi um dos grupos de fatores relevantes na diferença entre fala e escrita. Na fala, em sequências narrativas e descriptivas, foi atestada maior recorrência do conector *ai*. Por outro lado, ainda na modalidade de fala, nas sequências argumentativas e expositivas predomina o conector *então*.

Um outro aspecto semântico que se revelou relevante é o tipo de verbo núcleo da oração. A expectativa era a de que, na presença de verbos de ação/evento, em ambas as modalidades do português, predominassem alguns conectores, pois esse tipo de verbo é utilizado com frequência. Nossa hipótese foi a de que, na fala, o conector *ai*, por exemplo, predominaria com esse tipo de verbo. No entanto, a análise mostra que, na modalidade falada, todos os conectores estudados predominam na presença de verbos de ação/evento. De forma semelhante, nos dados da escrita, todos os conectores, com exceção de *portanto*, predominam também com verbos de ação/evento. O conector *portanto*, por sua vez, ocorre mais frequentemente com verbos de estado.

Outros fatores considerados na análise, mais voltados para o período complexo formado pelos conectores em foco, não têm efeito significativo sobre o uso desses elementos. É o caso da presença ou ausência de dupla marcação. Por hipótese, esperávamos que o conector *ai*, mais associado à sequenciação, favorecesse essa dupla marcação. Confirmando nossa hipótese, na fala, *ai* é o conector que mais ocorreu com dupla marcação. Na escrita, o único conector que apareceu com dupla marcação foi o *portanto*.

Dentre alguns aspectos que mostraram uma concorrência entre alguns dos conectores estudados, o gênero textual jornalístico mostrou-se relevante na amostra da escrita. Nos artigos de opinião, embora predomine a escolha pelo conector *portanto*, há um índice de ocorrência considerável do conector *então*. No caso das crônicas, *portanto* concorre com o conector *por isso*. Todavia, esse último, que também concorre com *portanto* nas notícias e reportagens, predomina nesse tipo de texto com metade das ocorrências. O maior equilíbrio na concorrência entre os conectores estudados nesse trabalho foi em relação às cartas. Constatou-se a predominância de *então* e *portanto* com frequências bastante próximas. Ao mesmo tempo, os casos com o *aí* foram poucos e não obtivemos um único dado com *por isso* nesse tipo de texto. Isso pode indicar uma tendência de alternância entre as formas *então* e *portanto*, além de uma tendência de desuso dos conectores *aí* e *por isso* no caso de cartas.

Os resultados encontrados mostram que há diferenças entre os usos das formas estudadas neste trabalho, mas há possibilidade de que algumas formas possam alternar com outras, dependendo do contexto em que ocorrem. Assim, há evidências favoráveis à hipótese de que, em certos contextos, as formas conectoras focalizadas podem constituir variantes linguísticas.

Nos quadros que resumem o conjunto de propriedades de cada um dos conectores focalizados foi possível constatar que há diversas possibilidades de alternância desses conectores nas construções conclusivas. Por exemplo, no caso da fala, os três conectores estudados predominam na ligação de segmentos maiores. Assim, na ligação desse tipo de segmento, poderia haver intercambialidade entre eles.

As variáveis sociais apresentaram diversas informações relevantes. O gênero do falante evidencia que as mulheres utilizam mais do que os homens os conectores conclusivos estudados aqui. No caso do conector *aí*, elas o utilizam quase o dobro de vezes em relação aos homens. Quanto à idade, os falantes da faixa etária de 26 a 49 anos foram os que mais utilizaram os conectores *então* e *aí*. De forma, um tanto surpreendente, o maior uso do conector *por isso*, foi atestado entre pessoas acima de 50 anos. Quanto maior o grau de escolaridade, menor o uso dos conectores *aí* e *por isso*, ao passo que aumenta a utilização do conector *então*.

Em um futuro desdobramento desta tese, esperamos expandir o estudo, incorporando outras amostras e variáveis. Uma nova linha de exploração envolveria a busca de diferentes evidências a partir da análise de dados de outras amostras da escrita menos formal, diferente de textos jornalísticos. Amostras representativas de outros

gêneros escritos permitiriam investigar outras hipóteses, como a de que a menor frequência do conector *ai* em textos escritos seja devida ao fato de que a amostra utilizada na pesquisa se caracteriza por maior grau de formalidade. Além disso, tornaria possível verificar se o conector *portanto* também apresentaria o mesmo comportamento que apresenta nos textos jornalísticos. Além de amostras menos formais da escrita, a análise de dados de amostras de fala mais formais seria importante para obtermos mais informações quanto ao funcionamento dos conectores estudados, em cada modalidade da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, D. V. S. *Uma investigação funcionalista do MD então no estabelecimento de relações retóricas em elocuções formais do português.* 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
- ANTUNES, J. K. S. *A variação no uso dos conectores conclusivos então, aí, por isso e zero na fala carioca.* Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- AZEREDO, M. O. et al. Gramática prática do Português: da comunicação à expressão. Lisboa: **Lisboa Editora**, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa.* Rio de Janeiro: **Nova fronteira**, 2009.
- BRAGA, M. L. *Aí e então em expressões cristalizadas.* **Caderno de Estudos Linguísticos**, n.44, Campinas, 2003.
- BRAGA, M. L. E aí se passaram 19 anos. In: DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real.* Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2003.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 3<sup>a</sup> ed. 2001.
- DEFENDI, C. M. “*Portanto, conclui-se que*”: processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DIAS, L. S. *Homem e mulher: estratégias lingüísticas diferentes?*. In: IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, 2005, Rio de Janeiro. **Cadernos da CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/13.htm>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DUCROT, O. *Argumentação retórica e argumentação linguística*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.44, n.1, p.20-25, jan./mar. 2009.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 11. ed. rev. e atual. São Paulo: **Ática**, 2007.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo, **Cortez**, 1983.

FIGUEIREDO, O. E.; FIGUEIREDO, E. B. *Itinerário gramatical: gramática do discurso e gramática da língua, ensino secundário*. Lisboa: **Porto Editora**, 2009.

FLORET, M. F. *A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então*. 2022. Rio de Janeiro: **UFRJ/FL**, 2022.

GARCIA, B. *Educação: modernização ou dependência?* Rio de Janeiro: **Francisco Alves**, 1977.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: **John Benjamins Publishing Company**, 1955.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold, 1978. Cambridge.

KOCH, I. G. V. et al. *Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado*. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado**. v.1. São Paulo: Edunicamp, 1990.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 9<sup>a</sup> ed. 7<sup>a</sup> impressão. São Paulo: **Ática**, 2006.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Cultural e Cognitive Factors*. v. III. Oxford: **Wiley-Blackwell**, 2010.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, A. C. M. “Afinal”: elementos para uma análise semântico-pragmática. **Linguística**, Rio de Janeiro, 2008.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge. 1977.

MARQUES, N. B. N; PEZATTI, E. G. *A relação conclusiva na Língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: **Tempo brasileiro**, 1996.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: **Contexto**, 2004.

NEVES, M. H. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

PAIVA, M. C. A.; Scherre, M. M. P. *Retrospectiva Sociolinguística: contribuições do Peul.*: **D.E.L.T.A.**, v. 15, nº especial, 1999. p. 201-232.

PAIVA, M. C. A. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. 1991. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, **UFRJ**, Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, M. C. A; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações em tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: **Contexto**, 2003.

PAREDES SILVA, V. L. *Forma e função nos gêneros do discurso*. **Alfa**, São Paulo, 1997.

PEZATTI, E. G. *Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio*. Belo Horizonte, 2000.

Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). *Amostra Censo 2000*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990-2000. Disponível em: <https://peul.letras.ufrj.br/amostras/amostra-censo-2000> Acesso em: 15 fev. 2021.

Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). *Amostra do Discurso Jornalístico*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000-2004. Disponível em: <https://peul.letras.ufrj.br/amostras/amostra-jornal%C3%ADstica> Acesso em: 15 fev. 2021.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. *Comprehensive grammar of the English language*. Londres: Pearson Longman, 1985.

REIS, A. R. G. *Orações de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português*. 2010. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2010.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. P. P. *Construções conformativas na perspectiva funcional hallidayana*. 2020. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 28, p. 354-371, 2020.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. University of Toronto, 2005.

SAPATA, A. C. *O articulador discursivo então e suas várias funções no texto escrito do Brasil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Unicamp, Campinas, 2005.

SARDINHA, L.; OLIVEIRA, L. *Gramática formativa do Português*. Porto: Didáctica, 2010.

SILVA, T. X.; SILVA, M. A. M. A Perspectiva de Gramaticalização do Então num Percurso Diacrônico. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Natal: EDUFRN, 2012.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: **Cambridge University Press**, 1990.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for theory of Language Change*. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (Ed.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.